

AMK

Auto do Manoel Kongo

Auto Teatral de
Spírito Santo



AMK

Auto do Manoel Kongo

RESENHA

Resenha

A História

Com o esgotamento do ouro nas Minas Gerais, a economia brasileira se deslocou para o Vale do Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro. O posterior esplendor da região, com seu eixo localizado na Vila de Paty do Alferes e, logo em seguida, na Vila de Vassouras, alavancou o desenvolvimento do Brasil por quase todo o século 19. O signo principal deste ciclo de desenvolvimento era o café, mercadoria com enorme importância no mercado internacional do período, do qual o Brasil foi, durante muito tempo, o maior produtor. Brasil e sua economia dependiam, no entanto, de outra mercadoria, ainda mais essencial do que o café; A força de trabalho do escravo africano.

Ambos negros, escravo e café, fizeram algumas das maiores fortunas do mundo da época, fortunas estas que, concentradas quase todas na região do Vale do Paraíba do Sul, geraram a sociedade dos chamados ‘barões do café’, nababesca e prepotente, assentada numa estrutura social sem povo, composta, basicamente, por aristocratas e escravos.

Seqüestrados de Angola, Congo, Moçambique e trazidos a partir, principalmente, do porto de Luanda para serem vendidos no mercado do Valongo, próximo ao porto do Rio de Janeiro, os africanos que, depois de longa jornada a pé, chegavam à plantações de café do Vale do Paraíba, acabaram se tornando, não só um elemento essencial para a economia local mas também, como se pôde concluir mais tarde, num elemento capaz de ameaçar a própria segurança física daquela sociedade.

A Trama

Em 6 de novembro de 1838, o africano Camilo Sapateiro, escravo da fazenda Freguesia foi morto a tiros, quando se dirigia, clandestinamente, à fazenda Maravilha, ambas pertencentes ao maior proprietário de escravos e principal autoridade da comarca: o Capitão-Mor Manoel Francisco Xavier.

O assassino, um capataz da fazenda, quase foi linchado pelos escravos. O que pretendia fazer Camilo Sapateiro na fazenda vizinha quando foi morto? Teria sido a sua morte, pelo capataz (um incidente algo corriqueiro na rotina escravista), a verdadeira razão da insurreição de escravos de tão grandes proporções, que se seguiu? De roldão, os escravos rebelados, divididos em dois grupos, saquearam as duas fazendas do Capitão-Mor e fugiram para a mata próxima.

Num ponto, ao que tudo indica, previamente combinando desta mata, um dos grupos se encontrou com um número indeterminado de escravos de outras fazendas, além das duas de propriedade do Capitão-Mor. A imediata adesão de escravos de outras fazendas chama, fortemente, a atenção para a possibilidade de ter havido algum tipo de articulação prévia entre os rebelados.

O fato é que, um grande grupo se embrenha na mata, rumo a alto da Serra da Estrela, montando um arranchamento para pernoite, à cada fim de tarde do trajeto da fuga.

Perseguida por tropas da Guarda Nacional e homens recrutados pelo juiz de paz da comarca, uma parte deste grupo é atacada e dominada, quando ainda dormia, no quarto dia de fuga.

Tropas do Exército Imperial, convocadas às pressas, comandadas pelo então Capitão Luiz Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, só chegam na área do conflito quando tudo já havia terminado.

No grupo de escravos derrotados, está o suposto chefe da insurreição, denominado ‘Rei’, Manoel Congo, ferreiro da fazenda Maravilha e uma mulher, denominada ‘Rainha’, a costureira Marianna Crioula, escrava de confiança da senhora dos escravos das fazendas Maravilha e Freguesia, Dona Elisa Xavier.

A um escravo morto na refrega, mas, não identificado nos autos, é atribuída a função de ‘Vice-rei’ da insurreição e do futuro suposto quilombo. Este escravo pode ser identificado, nas entrelinhas das cartas e da crônica sobre o incidente, como sendo o africano de nação Munhambane Epifânio Moçambique.

A despeito disto, consta nos autos o estranho e vago depoimento de um outro Epifânio, também de nação Moçambique que, a julgar pela atestada morte do outro em combate, pode ter sido um homônimo ou mesmo um personagem inventado para incriminar Manoel Kongo como o principal responsável pela insurreição, aquele que pagaria por todos.

Um número indeterminado de negros do grupo atacado consegue se embrenhar na mata, serra acima e dele não se tem mais notícias. Não se tem notícias também do segundo grupo, comandado por um escravo chamado João Angola que, não estando presente no ponto de encontro com o 'Rei', nem presente no momento do ataque, foi visto no dia anterior prestes a assaltar a fábrica de pólvora da região, desaparecendo por outro caminho, rumo à Serra do Couto, próxima à Serra a Estrela, aparentemente, o destino final de todos os rebelados. Pode-se, por estas evidências, entre outras surgidas na pesquisa, supor que os relatos que dão conta da existência de um quilombo na região, jamais desbaratado, são factíveis.

Apesar destas evidências, a maioria dos proprietários alegou que seus escravos retornaram, espontaneamente, às suas fazendas, mas, não existem registros seguros dando conta de quantos, efetivamente, fugiram e retornaram. A alegação livrava os fazendeiros das pesadas custas processuais, caso tivessem negros de sua propriedade (e responsabilidade) arrolados como rebeldes. O peso total destas custas processuais acabou recaindo sobre o Capitão-Mor Manoel Francisco Xavier, que, depois dos escravos presos e condenados, passa a ser a principal vítima dos incidentes.

De um total de cerca de trezentos escravos fugidos e rebelados, apenas vinte e três (todos pertencentes a Manoel Francisco Xavier) são aprisionados (sete haviam sido mortos na refrega). Destes vinte e três presos, sete são mulheres (é significativo, do ponto de vista logístico, o fato deste grupo de presos, a maioria feridos na refrega, ser aquele onde estavam a maioria das mulheres e, provavelmente, os homens mais velhos e as crianças).

Cerca de dezesseis presos deste grupo são, efetivamente, julgados. A maioria é condenada, com uma única exceção: o escravo Adão Benguela que, apesar de estar tão envolvido quanto todos os outros nos conflitos, é estranhamente absolvido. O suposto 'Rei' Manoel Congo', é condenado à força e executado em 1839 em Vassouras.

Os Antecedentes

A observação acurada - e crítica - de fatos descritos em documentos da época, principalmente os autos do processo montado na ocasião, contendo os depoimentos dos escravos presos, pequenos indícios ou omissões aparentemente deliberadas, contradições entre os depoimentos, etc., formam a base principal utilizada para a elaboração deste texto teatral. Formam também a base de dados da pesquisa, textos esparsos, de outras fontes e um raro e inestimável relato, ao vivo, extraído pelo autor de uma entrevista por ele realizada em 1975, com uma ex-escrava de uma das fazendas da região, que ali viveu, alguns anos após os incidentes descritos pelos autos. A intenção foi, portanto, construir a trama, mais ou menos como uma reportagem ('Teatro-Verdade', talvez fosse o conceito mais apropriado) sempre que possível, a partir de dados verídicos, mais ou menos à maneira de uma reconstituição policial.

Com efeito, coisas muito inusitadas ocorriam naquela região nesta época de grande efervescência social. Segundo dados descritos na crônica da cidade de Vassouras, um ano antes da fundação da vila, ocorrida em 1833, um grupo de proprietários criava a Sociedade Promotora da Civilização e da Indústria, de verniz positivista, e dedicada, entre outras coisas, à formação de artífices escravos, como mão de obra especializada, com o fim de possibilitar a manutenção de equipamentos, até então, feita por engenheiros vindos da Inglaterra e até - suprema ousadia - iniciar talvez a própria substituição da importação de máquinas e ferramentas agrícolas que, oriundas da Europa, obviamente com a mão de obra dos escravos-operários especializados, formados pela SCPI, passariam a ser fabricadas por aqui mesmo. Ferreiros e marceneiros eram as principais especialidades indispensáveis à incrível proposta desenvolvimentista da SCPI.

Os artífices a serem treinados, seriam recrutados, por seus proprietários, entre os seus escravos mais hábeis e inteligentes. A mais incrível das coincidências era que o ofício de ferreiro era, ainda nesta época, a partir de uma tradição africana que remonta o século 15, uma ocupação exclusiva de reis e nobres, um status de poder hierárquico superior na cultura dos Kimbundos, grupo étnico angolano que, em grande maioria, contribuiu com escravos para as plantações de café do vale do Paraíba do Sul. Sabe-se pelas mesmas fontes que, um ano depois (por volta de 1834), uma curiosa sociedade secreta, composta por negros escravos e libertos, com uma elaborada estrutura, havia surgido em Vassouras, quatro anos, portanto, antes da insurreição de Manoel Congo.

Esta 'insidiosa' organização, segundo foi descrito por esta mesma crônica da Cidade de Vassouras,

andava ruminando um levante que pretendia libertar todos os escravos da área. Somente nove anos depois, ou seja, em 1847, a tal organização secreta pode ser desbaratada. Os registros policiais da ocasião, afirmaram que ela se autodenominava *Elbanda* (*Embanda*, mais propriamente talvez), por ser a expressão o mesmo que *sacerdote* ou *médico* no idioma de origem) e era formada por núcleos ou células clandestinas, dirigidas, obrigatoriamente, por escravos ferreiros e marceneiros, chamados pelos outros escravos de ‘Pais’ (ou ‘Tatas’) Korongos.

Também curiosamente, pesquisas bem recentes sobre a cultura dos Kimbundos, nos dão conta que era por demais comum na sociedade angolana do século 19, a proliferação de seitas e sociedades secretas, por diversas motivações, prática que pode ter sido seguida pelos escravos de Vassouras.

Esta emocionante reconstituição nos dá conta, enfim, de uma malha de estranhas relações, interesses e contradições, bastante incomuns na história oficial do escravismo brasileiro, estabelecidas entre proprietários e escravos, escravos entre si, além de proprietários, do mesmo modo entre si.

Um impressionante conflito humano sacudindo os alicerces daquela sociedade imperial, questionando o seu anacronismo. Matéria pura para teatro. Drama.

AMK

Auto do Manoel Kongo

O Passado Voltou

(Simulações)

Véspera da encenação

O Passado Voltou

(Véspera da encenação)

(10 hs. da manhã, centro da cidade de cidade histórica do Vale do Paraíba do Sul (Vassouras). Figurantes e atores, formando grupos caracterizados, vão ocupando pontos determinados da cidade abaixo identificados. As cenas (ou simulações)que encenarão são independentes e devem ser representadas como se fossem cotidianas. Poderão ser proferidas falas improvisadas pelos atores mas elas não devem ser, de forma alguma, essenciais.

Os habitantes da cidade (os reais) devem ser gradativamente envolvidos nas situações que assistirão, de modo a que passado e presente se interpenetrem.

Simulação I - 4 figurantes-atores

Aguadeiros

Grupo de escravos aguadeiros se encaminha para um chafariz. Ali abastecem os barris que carregam e se encaminham para o local hoje conhecido como 'Broadway'. Ali param num bar qualquer e bebem. Seguem a avenida até um pontilhão próximo, sempre parando pelo caminho. O comportamento destes escravos é ruidoso, falam alto, cantam juntos enquanto andam e brigam entre si (ou brincam de brigar).

Retornam do pontilhão para o chafariz e toda a encenação é repetida.

Simulação II - 4 figurantes atores

Noivos

Casal de noivos ou namorados, mais a mãe da noiva, ela de sombrinha, passeia pelo comércio local, seguidos por dois escravos de libré (domésticos). Os escrvaos estão descalços e carregam volumes, embrulhos que o casal vai comprando de loja em loja (serão providenciados volumes prontos que estarão (ou serão feitos na hora) em lojas determinadas.

O casal pode estar conversando sobre detalhes do seu enxoval (fornecidos pela pesquisa). Os noivos estarão vestidos como ricos filhos de senhores de escravos. Os escravos que os seguem estarão sempre calados e distraídos.

Simulação III - 1 ator / 7 figurantes

O Patriarca

Rico senhor de escravos, barrigudo e fumando charuto, vai à Igreja acompanhado pela família que o segue à cerca de dois metros.

A família é composta pela esposa, dois filhos bem jovens e umas quatro mucamas que vão bem junto às crianças.

As crianças fazem algazarra, brigam, correm na rua e são recriminadas pelas mucamas. A esposa está sempre impassível.

O grupo após a Igreja, vai a outros prédios públicos da cidade, sempre permanecendo lá algum tempo, como se o rico senhor estivesse realizando negócios em meio ao passeio familiar.

O ciclo de visitas se inicia sempre pela Igreja.

O rico senhor pode discorrer para os curiosos, sobre questões ligadas aos preços absurdos dos escravos, a cotação do café na Europa e sobre os equívocos da corte. Pode fazer críticas à Inglaterra e etc., sempre se baseando em dados fornecidos pela pesquisa.

Simulação IV - 10 figurantes (5 capoeiristas) - Capoeiras

Grupo de negros capoeiristas, jogam em ponto qualquer do centro. Após cerca de meia hora de jogo, grupo de cinco policiais intervêm e dispersa grupo. A roda de capoeira é recomposta em outros pontos do centro, com novas intervenções da polícia. Os policiais estarão presentes em várias outras situações criadas pelas outras simulações que signifiquem o menor risco à ordem pública como, por exemplo, a algazarra dos aguadeiros.

Simulação V - 6 figurantes - Briga no Bar

Grupo de brancos pobres estão bêbados na calçada de algum bar. Falam e discutem muito. Um deles puxa uma arma e ameaça atirar em outro. Policiais intervêm e bêbados são levados para a cadeia, de onde saem depois para armar a confusão em outro bar.

Simulação VI - 4 figurantes

Duas charretes, conduzidas por escravos de Libré, circulam pelos pontos turísticos da cidade. Cada charrete transportará dois figurantes, podendo transpor também dois passageiros reais. Os figurantes (brancos), estarão vestidos como figuras típicas da sociedade vassourense da época (1830/1850).

Simulação VII - Vendedores

Grupo disperso de vendedores de galinhas, cadeiras de palhinha, cebolas, vassouras e etc., circula pela cidade cantando pregões.

NOTAS:

- A) As simulações durarão cerca de 10 horas. Serão concomitantes.
- B) As cenas podem ser alteradas ou substituídas pela direção em conjunto com o autor e a produção.
- C) O jornal simulado “A Voz da Comarca”, será distribuído por figurantes. Além da divulgação do evento, o jornal abordará fatos ocorridos no período (1833/1839).
- D) O ritmo das cenas deve ser relaxado como simulações de carnaval.
- E) O encadeamento das cenas pode ser dirigido com “walkie-talkies”.

AMK

Auto do Manoel Kongo

O Pelourinho

Cena 01

Encenação

Cena 01

O Pelourinho

(Início de tarde, prédios históricos estão engalanados com estandartes de Portugal e do Império do Brasil. Som montado nos arredores da praça, enche a cidade com música francesa do século XIX. Estamos em 1833 e grupos de personagens e figurantes, representando o povo de Vassouras, estão espalhados em torno da praça, ou concentrados no interior de prédios históricos que a circundam.

Os figurantes começam a mobilizar o público para se concentrar em frente a um palco, no qual está um pelourinho coberto com um grande pano negro.

O pelourinho foi montado pela manhã por dois escravos marceneiros, à vista da população.

Os figurantes farão intensa agitação durante o início da cena, buscando o máximo de participação do público nas situações.

Sinos da igreja repicam. Quando a concentração do público atingir ponto ideal, um grupo de autoridades locais (personagens) composto pelos proprietários e vereadores *Correa e Castro*, *Francisco da Chagas Werneck*, *Joaquim Ribeiro de Avellar*, o capitão-mor *Manoel Francisco Xavier* e por um padre, todos vestidos a caráter para a solenidade de gala, se encaminha para o palco do pelourinho.

À frente do grupo, também paramentado (faixa do Império sobre a casaca) vem o Juiz de Paz da Comarca de Cantagalo.

Todas as autoridades saem de um mesmo ponto e são escoltadas por um grupo de quatro soldados da Guarda Nacional que os protegem da turba.

Figurantes fazem grande alvoroço, ironizando a pompa das autoridades que, sorriem às falsas homenagens com um também falso constrangimento. Soldados vão, pouco a pouco, afastando os populares-figurantes que se espalham em meio ao público. Ali, distribuídos na praça, figurantes atacam a platéia).

POPULAR I: (Gritando)

— ”VIVA VASSOURAS! VIVA A FUTURA SEDE DO BRASIL!”

POVO: (ESTIMULADO POR CLAQUE DE FIGURANTES)

_ "VIVA!"

POPULAR II:

_ "ABAIXO PATY DO ALFERES!"

POVO:

_ ("VIVAS" E "MORRAS" SE MISTURAM)

POPULAR I:

_ ("VIVA O CAPITÃO-MOR MANOEL FRANCISCO XAVIER!")

POVO:

_ (VAIAS, ASSOBIOS E GRITOS MAIS INTENSOS)

(Novo grupo de soldados sai de um dos prédios e intervém no conflito. Populares-figurantes protestam. Tumulto prossegue até o grupo de autoridades subir no palco-pelourinho que, neste momento, é descoberto pelo padre. Padre lança água benta sobre o pelourinho. Sinos param de repicar. Música francesa é interrompida. Voz de mestre de cerimônia - *Meirinho* - é ouvida na praça.)

MEIRINHO:

_ "PEÇO A ATENÇÃO DO POVO DESTE GLORIOSO LUGAR! ATENÇÃO MEUS AMIGOS! (Pausa. Aguarda que o silêncio do público fique razoável.) PEÇO A VÓS TODOS, A ATENÇÃO PARA A PALAVRA DO ILUSTRÍSSIMO, EXCELENTÍSSIMO E DIGNÍSSIMO SR. JUIZ DE PAZ DA COMARCA DE CANTAGALO QUE, DIRIGIRÁ A CERIMÔNIA. APLAUSOS, POR FAVOR!"

(Figurantes puxam aplausos vivamente. O juiz de paz assume a frente do grupo de autoridades. Nos lados do palco, permanecem dois soldados. Figurantes fazem novo reboliço. Juiz de paz, lendo papéis, inicia seu solene discurso).

JUIZ DE PAZ:

_ "PREZADOS AMIGOS CIDADÃOS. QUERIDAS AMIGAS CIDADÃS! (Apupos esparsos. Juiz tosse para ganhar tempo)... DE HÁ MUITO QUE, CONVERSANDO COM ALGUNS NOBRES CIDADÃOS AQUI PRESENTES (Olha de relance para as autoridades)... APRENDI A RECONHECER A FORÇA DO DESTINO RESERVADO PARA ESTA TERRA. (Folheia papéis) MESMO LÁ, NA MINHA MODESTA CANTAGALO, AS MARAVILHOSAS NOTÍCIAS DESTE DESTINO, CHEGAVAM... COM O VENTO... O VENTO DA FAMA, DE SEU BOM CLIMA, PROPÍCIO AOS BONS AUFÚRIOS (Tosse várias vezes)... NADA NO ENTANTO TORNOU MAIS EVIDENTE A VOCAÇÃO DESTA TERRA PARA

O PROGRESSO, DO QUE O ESPÍRITO INOVADOR DE SEUS LÍDERES, AQUI PRESENTES

(Olha de novo e aponta para as autoridades que, fazem reverências falsamente modestas)

... SIM SRAS E SRS... NADA ME SENSIBILIZOU MAIS E... COM CERTEZA ÀS AUTORIDADES DA CÔRTE, AO NOSSO JOVEM IMPERADOR ATRAVÉS DE SUA REGÊNCIA, DO QUE (Exaltado, com ênfase) A OBSTINADA ENERGIA MODERNIZADORA DA ELITE VASSOURENSE! (Interrompe, aguardando aplausos que chegam esparsos)... TEMOS LÁ EM CANTAGALO, SÓ PARA EXEMPLIFICAR, UM ESPETACULAR ENGENHO, UM MONJOLO QUE, DISSERAM-ME TER SIDO FABRICADO, NÃO NA EUROPA, NÃO NA CÔRTE CMO IMAGINEI MAS, AQUI MESMO SRAS E SERS.! AQUI NESTE FORMIDÁVEL NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO FINCADO EM NOSSO VALE DO PARAÍBA DO SUL! (Autoridades puxam aplausos. Figurantes assobiam. Juiz Prossegue:)... ESTE MONJOLO, PEÇA RARA DA ENGENHARIA NATIVA, EVOCO AQUI COMO UM DOS SÍMBOLOS DO MERECIMENTO DESTE LUGAR PARA SER UM CENTRO DE IRRADIAÇÃO DO PROGRESSO REGIONAL. (Alguém oferece água ao juiz que, em seguida prossegue o discurso).

NA EVOCAÇÃO DESTE MONJOLO, EVOCO AQUI COM surpresa, o fato de terem sido as mãos hábeis dos carpinteiros e ferreiros, escravos desta região as construtoras de tão moderno engenho. Estes mesmos escravos, treinados por iniciativa destes nobres Srs., erigiram também o que é o segundo símbolo do progresso neste lugar:

(Aponta o pelourinho)

...O PELOURINHO!

(Vaias de alguns figurantes. Juiz prossegue, em tom mais grave quase ameaçador:)

... SERÁ AQUI SRAS. E SRS.. QUE A ORDEM IMPERIAL, SE ABATENDO RIGOROSA SOBRE AQUELES QUE CONTRA ELA SE INSURGIREM, GARANTIRÁ O PROGRESSO DE NOSSA REGIÃO!

EVOCO PORTANTO, NESSE DIA 15 DE MARÇO DO ANO DA GRAÇA DE 1833, SOB O MANTO PROTETOR DA IGREJA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, TODAS AS GLÓRIAS PARA ESTE HISTÓRICO MOMENTO (Faz suspense, olha para os presentes)... POR ORDEM DE SUA MAJESTADE O IMPERADOR DO BRASIL, REPRESENTADO POR SUA NOBRE REGÊNCIA, DECLARO NESTE INSTANTE QUE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VASSOURAS ESTÁ ELEVADA À CATEGORIA DE VILA! VIVA A ORDEM! VIVA O PROGRESSO! VIVA O IMPÉRIO DO BRASIL E A NOVA VILA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VASSOURAS!"

Hino da independência, soando na praça, mistura-se aos aplausos e ao repicar dos sinos. Fogos de artifício explodem ao longe. Figurantes começam a desmobilizar o público, encaminhando sua atenção para um veículo-palco que está postado na rua em frente ao pelourinho. Neste veículo, Velho Caxambuzeiro fala, em tom entusiasmado.)

VELHO:

— “VENHA, VENHA MEU POVO! VENHA VER AGORA A HISTÓRIA SEM BALELA E SEM BAZÓFIA. A HISTÓRIA VERDADEIRA TÁ ALI NO PALANQUE? OU SERÁ QUE ELA TÁ AQUI, NA CARROÇA DESSE VÉIO? VENHA GENTE! VEM OUVIR!

(Público deve estar concentrado em torno do velho e da carroça. Atores e figurantes auxiliam a mobilização. Quando o veículo estiver formado, soldados se retiram. Velho fala, apontando para Werneck e Xavier que, fora da aglomeração, se encaminham para ela, lenta e distraidamente, conversando. Velho fala.)

VELHO:

_ “NESTE ANGU, TEM CAROÇO, NÃO É MESMO? COM O PELOURINHO, NASCIA TAMBÉM A ERVA DANINHA DA INJÚRIA... DA INTRIGA. E PATY DO ALFERES QUE ERA VILA? CADÊ PATY NA HISTÓRIA?”

(Werneck e Xavier conversam.)

XAVIER: (Caminhando, irritado)

_ “ARREPENDO-ME SIM. MIL VEZES ME ARREPENDEREI DE NÃO TER SIDO UM CAPITÃO-MOR TIRANO E DESPÓTICO! NÃO ESTARIA AGORA ÀS VOLTAS COM TANTAS... ARTIMANHAS DA CÂMARA (irônico)... VOSSA... SOCIEDADE PROMOTORA, ATENDE MUITO BEM A PROPÓSITOS QUE SÃO... INCONFESSÁVEIS!”

WERNECK: (Cínico)

_ “PROPÓSITOS MODERNOS, PREZADO XAVIER, NÃO SE DESMONTAM COM SEU DESTEMPERO... ENRIQUECESTE COMO CAPITÃO-MOR NÃO FOI? HOJE ÉS O DONO DE PATY, ORA POIS! QUERES AGORA SER O QUÊ? DONO DA COMARCA?

XAVIER: (Tentando se controlar)

_ “TENHO SÉRIOS REPAROS A ESTA VOSSA SOCIEDADE PROMOTORA DA CIVILIZAÇÃO E DA INDÚSTRIA. ARGUMENTOS NÃO ME FALTAM... SOU UM EXPERIENTE PROPRIETÁRIO”.

WERNECK:

_ “ORA, ORA CAPITÃO-MOR. ISTO LÁ SÃO HORAS PARA DESPEITOS? OS TEMPOS MUDARAM... SEMPRE MUDARÃO. AINDA MAIS POR AQUI.”

XAVIER: (De novo irritado)

_ “IRONIAS, AMEAÇAS, SÃO A VOSSA PAGA! VSA. SENHORIA NÃO SABE DO QUE FALA. NÃO ATINAS PARA O ESTORVO QUE ESTAS LIBERALIDADES TRARÃO PARA PATY... QUERO DIZER, VASSOURAS.”

WERNECK: (Rindo)

_ “LIBERALIDADES? DO QUE FALAS, HOMEM?”

XAVIER:

_ “ESTA... ESTA PROMISCUIDADE ENTRE ESCRAVOS E GENTE BRANCA, LIBRE. TENHO VISTO POR AÍ ESCRAVOS A APRENDER OFÍCIOS... OBRA DE VOSSA SOCIEDADE CIVILIZATÓRIO... OURO MISTURADO COM ESCÓRIA... EU MESMO ME VI OBRIGADO A MANDAR DOIS NEGROS MEUS PARA APRENDER CALDERARIA...”

WERNECK: (Seguro de si)

_ “ORA... TANTO MELHOR QUE APRENDAM. O QUE NOS CUSTA? TENS NOSTALGIA DOS VELHOS TEMPOS DE PORTUGAL MANDANDO?... NÃO PODÍAMOS PRODUZIR UM PEIDO QUE NÃO FOSSE AUTORIZADO PELO REI... ACORDA, HOMEM!”

XAVIER: (Ameaçador)

_ “TENHO OS OLHOS BEM ABERTOS. PRA SEU GOVERNO.”

WERNECK: (Enfático)

_ “MAS NÃO PARECE. VEJA OS INGLESES. ESTÃO A PONTO DE DOMINAR O MUNDO COM SUA INDÚSTRIA. E SABES À CUSTA DE QUEM?... UM ESCRAVO, MEU NOBRE CAPITÃO, CUSTA MUITO CARO PARA SER USADO APENAS COMO UMA BESTA. ALÉM DO MAIS... NÃO HAVERÁ FUTURO SEM MÁQUINAS. COMO FARÁS? VAI COMPRÁ-LAS DOS INGLESES? VAI MANDAR TRAZÊ-LAS DE PORTUGAL?”

XAVIER: (Desorientado)

_ “ZOMBAS DE TI MESMO, FRANCISCO. ZOMBAS DA EUROPA, ZOMBAS DA CÔRTE. INGÊNUO, É O QUE PARECES. NÃO PERCEBES QUE CAVAS NOSSA PÓPRIA SEPULTURA... MÁQUINAS SÃO COMO ARMAS, MEU NOBRE... SERVEM A QUEM AS TEM NA MÃO. (Recobrando a calma)... AINDA NESTES DIAS, EM VISITA À CÔRTE, SOUBE O QUE FIZERAM DOIS DESSES NEGROS LADINOS... (Sarcástico)... ARTÍFICES... MÃO DE OBRA BARATA, COMO DIZES. FOI NO ARESENAL DE GUERRA. POIS BEM... MATARAM O MESTRE PORTUGUÊS A GOLPES DE MARRETA, SABES PORQUE? PORQUE O INFELIZ OS CHAMOU DE ENERGÚMENOS! O COITADO LHES DEU AULAS, LHES ENSINOU MUITO BEM O OFÍCIO DE MANEJAR FERRAMENTAS DE FERREIRO!”

WERNECK: (Impassível)

_ “NÃO FOI A MARRETADA QUE MATOU O INFELIZ. NÃO SABES? NÃO CHORO NEM LAMENTO... TEMOS AQUI A FORÇA E O PODER, XAVIER. O QUE TEMER? O QUE MATOU O MESTRE PORTUGUÊS FOI A FRAQUEZA MORAL! (Apontando) NÃO VÊS ALI O PELOURINHO? PARA QUE O TEMOS? PARA ENFEITE? COMPREENDO-TE... SEI O QUE LAMENTAS. É A TUA ADORADA PATY QUE, A PARTIR DE HOJE, É LETRA MORTA. ISTO LHE DÓI MUITO, NÃO É AMIGO? PRINCIPALMENTE... NOS BOLSOS (Ri)

(Xavier se afasta, bruscamente. Os dois já se juntaram ao público.)

AMK

Auto do Manoel Kongo

O Leilão

Cena 02

Encenação

Cena 02

O leilão

(Cortejo de atores, figurantes e público, sempre precedido pela carroça. Inicia o trajeto do Auto. Autoridades, desprovidas das peças mais evidentes do figurino de gala, seguem escoltados por capangas e feitores. *Velho Caxambuzeiro*, no trajeto, prossegue narração. Figurantes ajudam Velho a subir na carroça onde já estão dois músicos com tambores. Carroça inicia seu caminho. *Velho* fala:)

VELHO:

— “DEUS, MEU POVO... NUM DÁ MESMO ASA À COBRA. A HISTÓRIA QUE ESSE VÉIO AQUI VAI CONTAR PROCÊS, É DAQUELE TEMPO... COMO SE DIZ: DO ONÇA... DO DOM JOÃO CHARUTO. OCÊS (Apontando os brancos do público)... OS BRANCOS... SÓ NO BEM-BOM, VIVENDO NESSAS FAZENDA QUE, DE TÃO GRANDE... A GENTE NUM VIA NUNCA O FINAL DA CERCA. (Faz breve pausa, para sentir a reação da platéia)... OCÊS NUM ERA NEM BRASILEIRO AINDA. ERA TUDO MEIO PORTUGUÊS, GALEGO DE BIGODÃO, CHEGARO AQUI... GANHARO SESMARIA DO REI... TOCARO OS ÍNDIO, NÉ? E FORAM BOTANO NÓS, OS PRETO, PRA TRABALHAR, NO EITO... PRONTO, FALEI. SE VOCÊS NUM GOSTARO DE OUVIR, PACIÊNCIA

(Olha para os pretos do público, um feitor-figurante, por exemplo)

... MAS NÓS, OS PRETO.. AH, AH! TAMBÉM NUM ERA BRASILEIRO NÃO... OCÊS SABE, NÉ? BRASILEIRO MESMO... ERA ÍNDIO... NÓS VINHA DO KONGO, NÉ? AMONTOADO QUE NEM BOI NAQUELES NAVIO DE VELA... SEQUESTRADO, NÉ? (Olha para os músicos na carroça)... Ô MEUS FIO! TOCA CAXAMBU AÍ, SÔ!

(Ri, divertido. Com tambores ao fundo, prossegue:)

... MEU-TETRAVÔ VEIO DO KONGO. FOI FEITO DE BÔBO NESTA HISTÓRIA... ELE SEMPRE DIZIA IMAGINA SÓ... APARECERO POR LÁ UNS BRANQUELO... PARECIA ALBINO. ACHO QUE ELE NUNCA TINHA VISTO GENTE BRANCA NA VIDA... FORAM APARECENDO ASSIM... DO MEIO DO MATO... COMO QUEM NUN QUÊ NADA. ACENARO UNS LENÇO VERMELHO, ASSIM (Acena) FORAM VINDO.. PÁ... PÁ... PÁ... ANDANDO E AÍ.. PUM! ACERTARO PAULADA NO MENINO.. É! MEU TETRAVÔ ERA CRIANÇA AINDA. DAÍ, PRONTO... QUANDO ACORDOU TAVA NO NAVIO... DE LÁ PRA CÁ FOI UM PULO. QUEM COMPROU ELE... O MEU TETRAVÔ... FOI GENTE DAQUI... EU SEI QUEM FOI MAS, NUM VOU CONTAR AGORA”.

(Cortejo chega na esquina de outra rua do trajeto. Vindo dela, a pouca distância, se aproxima um grupo de escravos. Estão amarrados uns aos outros. São dirigidos por três traficantes brancos, armados com pistolas e chicotes, *Velho* olha o grupo e fala:)

VELHO:

...“A LÁ! CHEGARO! ESTA LEVA TÁ FRESQUINHA, FRESQUINHA! É GENTE DA FLORESTA, DOS CAFUNDÓ DE ANGOLA, DE ONDE SE ESCUTA O URRO DAQUELES BICHO, AQUELES QUE A GENTE VÊ NOS FILMES DO TARZAN... IH!... FALANDO EM BICHO ME LEMBREI DA COBRA.”

(Tambores se calam. Ouve-se o estalar dos chicotes dos traficantes com o grupo de escravos já

cruzando com o cortejo. Traficantes berram ordens e golpeiam o chão com os chicotes. Público é induzido a assistir à cena parado.)

TRAFICANTE I: (Para outro)

_ "CUIDADO AÍ, HOMEM! OLHA ESSE NEGRO (Apontando um cativo no fim da fila) TÁ FROUXA A CORDA... AÍ... NO PULSO. APERTA ISSO, MEU DEUS! (O outro traficante aperta a corda bruscamente. TRAFICANTE I corre até o outro.)... NÃO! NÃO! NÃO APERTA DEMAIS. VAI ESTRAGAR A PEÇA MAIS AINDA... OLHA SÓ! O MACACO JÁ ESTÁ UM TRASTE (olha para a platéia). LARGA, LARGA! DEIXA COMIGO (Afrouxa um pouco a corda)... ASSIM, HOMEM!"

(Cortejo do público, é encaminhado para um palanque, armado um pouco a frente, na nova rua do trajeto, para onde já seguiu o grupo de cativos. *Traficante I* grita para o público:)

TRAFICANTE I: (Já em cima do palanque)

_ "LEILÃO DE ESCRAVOS! LEILÃO DE ESCRAVOS! PEÇAS DE PRIMEIRA QUALIDADE... CHEGADAS AGORA DO PORTO DO RIO DE JANEIRO!"

TRAFICANTE II: (Também no palanque)

_ "VAMOS LÁ, MINHA GENTE! VAMO CHEGANDO!"

(Traficante II desce e volta com um escravo)

TRAFICANTE I: (Leiloeiro)

_ "TEMOS AQUI ESTE MOÇAMBIQUE! QUEM VAI QUERER... OLHEM SÓ (Apontando)... CANELA FINA! BOM PRA SERVIÇO DE ROÇA (Para o escravo)... ABRE A BOCA, NEGRO! (Escravo parece não compreender. Traficante olha a platéia, procurando interessados)... ALI! O SER ALI (Aponta para homem que faz que não com a cabeça).

(No meio da platéia, estão as autoridades citadas. Traficante prossegue leilão da "peça", com voz mais baixa, como fundo para vozes da conversa entre *Avellar* e *Correa e Castro* que estão lado a lado.)

(*Leiloeiro* olha em torno, ansioso. Pega o cativo pelo braço.)

AVELLAR:

_ "É BOA MERCADORIA, NÃO ACHAS LAUREANO?"

CORREA E CASTRO:

_”UM POUCO ESTROPIADA, EU PENSO. ESSAS PEÇAS VEM DA CÔRTE... A MELHOR PARTE, FICOU POR LÁ MESMO... DA CÔRTE, MEU CARO... SÓ VEM PARA NÓS O REBOTALHO, O REFUGO... OLHA AQUELE (Apontando para um dos cativos) MAL PODE ESTAR DE PÉ DE TÃO CÔXO!”

AVELLAR: (Rindo)

_QUE CÔXO NADA, HOMEM! É A SERRA, NÃO VÊS? A JORNADA ATÉ AQUI É DURA, MEU AMIGO, AS PRÓPRIAS MULAS CHEGAM AQUI QUASE MORTAS. NÃO ME DIGAS QUE NÃO SABES... UMA RAÇÃO DE COUVE COM TORRESMO E O BOM CLIMA DAQUI E VERÁS COMO ESTE SERÁ UM ESCRAVO PARA TODA OBRA. É BOA COMPRA... PODES ACREDITAR!”

CORREA E CASTRO: (Cético)

_”PARECES ATÉ SÓCIO DO VENDEDOR DESTES NEGROS! ÉS MAIS CONVINCENTE ATÉ QUE O PRÓPRIO LEILOEIRO... OLHA, HOMEM... SE NÃO TE CONHECESSE... DUVIDO QUE COMPRES UMA PEÇA QUE SEJA... BUSCAS OS DE MENOR PREÇO, NÃO É MESMO?... A NÃO SER QUE SEJA... UMA BELA MUCAMA (Irônico)... LASCIVO COMO É...”

AVELLAR: (Envaidecido)

_ “LAUREANO... LAUREANO... QUEM ME FALA!”

(Werneck, um pouco à frente, grita para o leiloeiro:)

“300 MIL RÉIS!”

LEILOEIRO: (TRAFICANTE I)

_”DOU-LHE UMA, DOU-LHE UMA, DOU-LHE UMA! ATENÇÃO... MAIS UM LANCE? NÃO?... DOU-LHE DUAS, DOU-LHE TRÊS E... VENDIDO AO SR ALI. (Para TRAFICANTE II:) DESCE ESSE TRAZ OUTRO!”

(Werneck manda um dos feitores recolher o escravo comprado. Outro cativo sobe.)

LEILOEIRO:

_”VAMOS LÁ SRS... SEUS SOVINAS! OUTRA PEÇA RARA PARA VOCÊS. VAMOS LÁ. O QUE TEMOS AQUI? AH... SIM (Orgulhoso). ESTE, É COMO AQUELE ALI (Apontando para os cativos abaixo)... ME FOI MUITO BEM RECOMENDADO. É DO KONGO, GENTE! E DIZEM... NÃO ERA POUCA COISA POR LÁ NÃO. SE FALASSE COMO GENTE... AH! AH! PODIA ATÉ SE DIZER QUE É LADINO. DIZ QUEM ME PEDIU PARA VENDÊ-LO QUE.. (Valorizando a fala)... ESTE FOI PEGO NA PRÓPRIA VILA ONDE MORAVA O REI LÁ DELES. É FERREIRO, GENTE... OPERAVA UM FOLE QUANDO FOI CHUMBADO... QUERO DIZER, APRESADO... COMO OS OUTROS ESTE TEM UM OFÍCIO... QUEM DÁ O PRIMEIRO LANCE? NÃO POSSO COMEÇAR COM MENOS QUE 500 MIL RÉIS!”

(Autoridades se entreolham. *Leiloeira* prossegue oferta. Proprietários cochicham e gesticulam. *Werneck* consulta uma sacola de moedas. *Manoel Francisco*, ao lado de *Werneck*, chama um de seus feitores e aponta para o cativo, como se consultasse a opinião do feitor. Voz do *Leiloeiro* segue o leilão:)

LEILOEIRO:

_ “É DE FINO TRATO, SRS! QUE É DO VOSSO TIROCÍNIO COMERCIAL? O PRIMEIRO LANCE... DE QUEM É O PRIMEIRO LANCE?”

WERNECK: (Grita, apressado)

_ “501!”

MANOEL FRANCISCO: (Levantando a mão)

_ “510 MIL RÉIS”

(Werneck olha Manoel Francisco, com raiva. Avança em direção ao palanque.)

WERNECK:

“MEU ÚLTIMO LANCE... ÚLTIMO LANCE... ÚLTIMO LANCE! 550!”

(MANOEL FRANCISCO, decidindo a disputa, mandando o capanga recolher o cativo.)

MANOEL FRANCISCO:

_ “FICO COM A PEÇA POR 700 MIL RÉIS!”

LEILOEIRO: (Encerrando rápido a venda)

_ “VENDIDO! VENDIDO PARA O EXCELENTÍSSIMO SENHOR ALI. VENDIDO!”

(*Leiloeiro*, com outros cativos sendo oferecidos um a um, segue leilão com voz em segundo plano. Figurantes compram escravos enquanto, em primeiro plano, *Avellar* e *Correa e Castro*, conversam:)

AVELLAR: (Com desdém, segredando)

_ “PRESUNÇOSO E BURRO, NOSSO CAPITÃO-MOR. DE QUE VALE UM FERREIRO AFRICANO SE O TEMOS

TANTOS POR AQUI? E O WERNECK... PODIA CONTER-SE. NÃO É MESMO?"

CORREA E CASTRO: (Também segredando)

_ "COISAS DO XAVIER... TU ESTRANHAS? POIS EU NÃO. O GAJO NÃO PODE FAZER FILHOS... COLECIONA NEGROS, ORA! PUDESSE COMPRÁ-LOS TODOS, POR CERTO OS COMPRARIA."

AVELLAR: (Preocupado)

_ "PARA NOS ARRUINAR, DIRIA EU. ACUMULA NEGROS COMO ACUMULAMOS TERRAS. ME ESPANTA A PACHÔRRA COM QUE ESTE GAJO NOS ESPEZINHA. TEREMOS UM DIA GRAVES PROBLEMAS DE MÃO DE OBRA POR AQUI... POR SUA CULPA! O BANDIDO VALORIZA ESCRAVOS... ENCARECE O CAFÉ... SEI NÃO, LAUREANO. VAMOS ACABAR TENDO QUE IR CAÇAR NOSSOS ESCRAVOS NÓS MESMOS... ELE POR CERTO, REVENDERÁ ESTE FERREIRO PELO DOBRO, EM DOIS MESES, BEM NAS NOSSAS BARBAS!"

(*Leiloeiro* continua a mandar subir escravos um a um. Autoridades simulam disputa de lances. *Avellar* e *Correa e Castro* compram um escravo cada um. *Manoel Xavier* demonstra ser o vencedor na maioria das compras. Grande grupo de cativos já foi recolhido por seus capangas e feitores e estão agrupados ao lado do palanque.)

VELHO: (Com vozes do leilão ao fundo)

_ "É MUITA COBRA NESTA HISTÓRIA, NUM É? E SE DEUS DESSE ASA PRA ELAS? IA ACABAR QUANDO, A ESCRAVIDÃO? INTÉ HOJE, NÉ? IA DURAR INTÉ HOJE? ERA LOBO ENGULINDO LOGO... O NOME COMPRIDO DO MANOEL XAVIER, ROLANDO ALI NA BOCA DO SAPO, DO WERNECK, DO AVELLAR, DO LEITE... É COMO SE DIZ: A BATATA DO CAPITÃO-MOR... TAVA ASSANDO, NÉ?"

(Escravos do grupo comprado pelo capitão-mor se agitam. Feitores tentam controlá-los. Dois cativos se desvencilham e correm em direção a outra rua (rua da Casa da Hera). Capangas e feitores correm atrás, atirando. Carroça do Velho, junto com o público, avança em direção à esquina, um pouco mais rápido. Capangas atiram e os dois cativos caem, atingidos nas pernas, na esquina. Feitores e capangas vão até onde escravos caíram e, os levantam aos safanões. Cortejo se junta à cena do incidente e escravos feridos, mancando, se juntam ao restante dos negros vendidos. Autoridades, alguns figurantes e traficantes, separam-se do cortejo e, entra na Casa da Hera à frente, antes do público chegar à porta. Capangas e feitores guardam os cativos, escoltando-os no trajeto que, será interrompido no portão de entrada da Casa da Hera.)

AMK

Auto do Manoel Kongo

Saudade Angolana

Cena 03

Encenação

Cena 03

Saudade Angolana

(Cortejo sobre a rua da Casa da Hera, lentamente. Acima, em frente ao portão, grupo de dança formado, faz coreografia sobre tema musical angolano.

Cena 3

(Cortejo sobe a rua da Casa da Hera, lentamente. Acima, em frente ao portão, grupo de dança formado, faz coreografia sobre tema musical angolano. Grupo desce a rua, dançando. A coreografia deve evocar a África e toma toda a rua. A música é vibrante e o figurino bem vistoso. O grupo vai descer a rua em direção ao cortejo até com ele se encontrar. Haverão músicos entre os dançarinos, tocando junto com a música que será gravada. Quando se encontrarem, dançarinos e músicos com o cortejo. Dupla de dançarinos comandará o trajeto, subindo a rua. Duas alas de dançarinos e músicos vão ladear e envolver o cortejo que deve ser motivado pela dança e pela música.

Velho e figurantes, participam da música e da dança de maneira espontânea de forma que todo o clima de tensão da cena anterior seja diluído pelo ambiente criado. Feitores e capangas, se afastam um pouco do cortejo, andando apartados dele, quando houver o encontro. *Manoel Francisco*, já subiu para a Casa da Hera, rapidamente.

Escravos aprisionados, inclusive os que mancavam vão sendo contagiados pelo mesmo clima, assim que houver o encontro e dançam também, se livrando das cordas. Todos os negros e populares-figurantes devem estar dançando depois do encontro. O público pode ser estimulado a dançar também.

AMK

Auto do Manoel Kongo

A Bica

Cena 04

Encenação

Cena 04

A Bica

(Cortejo, precedido por dançarinos e VELHO na carroça, animado pela música e a dança da cena anterior, chega a porta da Chácara da Hera. VELHO interrompe a música e a dança com gesto. Cortejo pára.)

VELHO: (Irônico)

_"CABOU A FESTA! (Para dançarinos e músicos) VÃO ENTRANDO. (Rindo) AGORA CÊS VAO CONHECER O SEU LUGAR. (Dançarinos e músicos entram. Músicos levam os tambores e todos entram cabisbaixos, tocados pelos feitores e capangas para o interior da chácara. VELHO fala para o público que aguarda na entrada da chácara.)

VELHO: (Cochichando)

_"PSIU!... CALUDA, MINHA GENTE. AGORA NÓS TEM QUE TER CUIDADO, E RESPEITO. VAMOS ENTRANDO, VAMOS ENTRANDO... PÉ ANTE PÉ."

(Cena do interior da chácara já deve estar armada. A descrição dela vem a seguir. Figurantes orientam entrada do público, sempre recomendando silêncio e induzindo suspense. VELHO, já entrando também - a carroça ficará estacionada no portão - prossegue como um cicerone:)

VELHO:

"AQUI, NOS SOMO TUDO...COMO SE DIZ?... CLANDESTINO, NE?... ESPIÃO DO FUTURO (Ri)... GENTE DE OUTRO TEMPO, ENTRANDO NO ESCURO DO PASSADO (Sorrindo:) GOSTARO?... VÉIO BOM DE POESIA, NÉ?... BOM VAMO LÁ. A GENTE TÁ ENTRANDO NAS TERRAS DO SINHÔ MANOEL DOS ANJOS... É UM DONO DE ESCRAVO DAQUI... ELE É IGUAL A TODOS. AS TERRA SÃO DELE... TUDO É DELE. NINGUEM SABE DIREITO O QUE TEM AQUI DENTRO.

(Figurante branco, vestido como um funcionário público subalterno, interrompe a fala do VELHO. Murmura algo em seu ouvido e entra na chácara, sumindo de cena entre as árvores. VELHO prossegue:)

...VIRAM ESTE? É HOMEM DO JUIZ DE PAZ. DIZ QUE TEM INTIMAÇÃO PARA O FAZENDEIRO. SERÁ QUE PODE? FAZENDEIRO SER INTIMADO (Cético) HUM, HUM... SEI NÃO. ESSA NÓS TEM QUE ASSISTIR."

(Na cena armada nas árvores da entrada da chácara, vozes são ouvidas. São os escravos de *Manoel dos Anjos*. Discutem entre si. Dois deles carregam um corpo num lençol, como numa rede. Todos seguram enxadas ou pás. Em ponto central da cena, uma bica cenográfica ao lado de uma cova aberta. O público se acomodará em torno da cena. Um dos escravos que carregam o lençol fala:)

ESCRAVO I: (Exaltado. Largando sua ponta da rede)

_"... E PORQUE TEM QUE SE NÓS OS COVEIRO? DEUS QUE ME LIVRE E GUARDE MAS... SE O SINHÔ PODE MATAR A GENTE, PORQUE NÓS NUM PODE MATAR ELE? Ô GENTE!"

ESCRAVO II: (Com medo. Tentando pegar a rede com o corpo, sozinho)

_"TU TÁ VARIANO, NEGRO? TÁ? VAMO... VAMO LOGO ENTERRAR O POBRE... JA MORREU MESMO, CÊ NUM VÊ? JÁ TEM UMAS CINCO COVA AQUI... PELO AMOR DE DEUS! TU QUER SE O PROXIMO, QUER?"

ESCRAVO I: (Se afastando da cova)

_"EU NUM ENTERRO MAIS! NUM ENTERRO! TÔ COM NOJO DA GENTE... NOJO. SABE O QUE MAIS (Decidido) ...NINGUÉM VAI MAIS ENTERRAR NINGUÉM AQUI! (Para Escravo II) ...LARGA! LARGA O CORPO AI!

(*Escravo II* obedece. Feitores entram em cena, vindos das árvores, ou abrindo caminho no meio do público. Estão armados de espingardas.)

FEITOR I: (Apontando a arma para *Escravo I*)

_"ARRE... QUE HOJE É DIA! NEGRADA DO CÃO... VAO ENTERRAR SIM! SE FOR PRECISO, UM VAI ENTERRAR O OUTRO, ATÉ ACABAR COMA RAÇA DE OCÊS TUDO. (Para Feitor II:) VAI, LAURINDO... PEGA ESSE NEGRO ESTOUVADO... VAMO LEVA ELE NA PRESENÇA DO SINHÔ, QUERO VER LÁ ELE CANTAR DE GALO! (Para *Escravo*:) TU TA NA MINHA VISTA JÁ NUM É DE HOJE... SEU TRASTE! (Para demais escravos:) VAMO! VAMO! JOGA LOGO O DEFUNTO NO BURACO, SÔ! VAI ESPERAR FEDER, É?"

(Escravos não obedecem. Tentam livrar *Escravo I* do *Feitor II*. *Feitor I* dispara tiro para o ar. Voz de fazendeiro é ouvida atrás do público. Tumulto dos escravos cessa imediatamente. Todos ficam imóveis.)

MANOEL DOS ANJOS: (Abrindo caminho no público)

_"ARREDA! ARREDA! QUE É ISSO AQUI? É FESTA, É? QUEM MARCOU? QUEM CONVIDOU? (Escravos assustados começam a enterrar o corpo, enquanto fazendeiro fala para o público. Frio, calmo. Passeando pela cena:)

MANOEL DOS ANJOS:

_"ESTAO A OLHAR O QUE? SAIBAM VOCES... PARA OS EFEITOS QUE FOREM. QUE NÃO LHES DEVO SATISFAÇÃO ALGUMA. (Analisa pessoas do publico encarando-as)...BOM... NÃO SOU MESMO HOMEM DE DESTRATAR VISITAS... POSSO CONTAR O QUE SE PASSA... É BOM TER ALGUÉM PARA TESTEMUNHAR. (Para o Feitor I) AFASTA-TE, ASCÂNIO! SOME COM ESSA ESPINGARDA DAQUI... NÃO VÊS QUE SÃO TODOS AMIGOS? (De novo para o público, sorrindo) ISTO AQUI NÃO É NEGÓCIO PARA DEVANEIOS. AQUI EU SOU O DONO DAS TERRAS, DAS GENTES, DE TUDO. É UM NEGÓCIO PRA GENTE DE NERVOS, DE BRIOS. ESTÃO ESTRANHANDO O QUE?

(Circula de novo o olhar para a platéia. Retira do bolso um papel e o agita no ar, com raiva.)

...VIRAM ISTO? O CANALHA DO PINHEIRO WERNECK ME MANDOU INTIMAR... É UM JUIZINHO DE PAZ QUE TEMOS AÍ. QUER QUE EU EXPLIQUE PORQUE TENHO ESSAS COVAS AQUI... TOPETUDO, ESSE WERNECK, PUXOU BEM A LAIA DE ONDE VEIO. JÁ FORAM LÁ NAS TERRAS DELE? POIS VÃO... ONDE JÁ SE VIU? É ESSE O TEMPO DESSES LIBERAIS DE MERDA. QUEREM INVERTER AS COISAS... MUDAR O MUNDO. EU? O DONO? ... EXPLICAR O QUE FAÇO OU DEIXO DE FAZER COM COISAS DE MINHA PROPRIEDADE? FACAM-ME O FAVOR!

(Escravos, ao fundo, enterram o corpo, meticulosamente. Fazendeiro prossegue:)

...VINGANÇA DELE É ESTA. HUMILHAR-ME PERANTE TODA A VILA (Batendo no peito. Exaltado) E VÓS? DESTES VIDA CRISTÃ PARA ESSA GENTE?... SELVAGENS, QUASE BICHOS. QUEM DEU A ELES DE COMER, DE VESTIR? SABIAM QUE NEM ALMA TINHAM? POIS FUI EU, O ESTÚPIDO QUE LHEI DEU ALMA E SUBSTÂNCIA... É POR ISTO QUE SOU, PORQUE SOU, O DONO DE SUAS ALMAS.

(Aponta a cova)

... TENHO CINCO DESTES AÍ, MORTOS. A MAIORIA ERA PAGÃ. NÃO CARECIA DE COVA CRISTÃ. MATEI-OS SIM! E DAI? OUSARAM ABRIR A BOCA PARA FALAR EM LIBERDADE... MAL AGRADECIDOS É O QUE FORAM... SAIBAM VOCÊS QUE HÁ MUITA COVARDIA HOJE EM DIA. FALAM EM EXPULSAR O IMPERADOR MENINO... CRIAR REPÚBLICAS. ANDAM A INCUTIR NA CABEÇA PRETA DESSES INGÊNUOS, QUE DEVEM MATAR OS SEUS SENHORES! MUITO BEM...

(Aponta para os lados da Casa da Hera)

... ALI RESIDE UM RICO FAZENDEIRO... PERTO DELE, NÃO PASSO DE UM MASCATE, UM VENDEIRO. POIS SUBAM LÁ... VEJAM O EMBRULHO EM QUE ESTES LIBERAIS O METERAM... LIBERAIS DE MERDA. PARA INGLÊS VER. MACACOS QUE NÃO ENXERGAM O PRÓPRIO RABO!"

(Faz gesto para que os feitores retirem os escravos de cena. Escravos Feitor II vão rumo às trilhas que seguem para o interior da chácara, por entre as árvores. Fazendeiro manda *Feitor I* retirar também o público.)

MANOEL DOS ANJOS: (Saindo em seguida para fora da chácara)

_ "PRONTO! PODEM SAIR DE MINHAS TERRAS... VÃO LÁ, NA FAZENDA DO MANOEL XAVIER. VÃO! E... POR FAVOR. NÃO TROQUEM UM COM O OUTRO... NÃO ME CONFUNDAM COM AQUELE GAJO, PORQUE... SOU O QUE SOU MAS, NUNCA FUI UM FROUXO... NA VERDADE, ODEIO QUE EXISTA TANTO MANOEL NESTA HISTÓRIA. VÃO! CHISPA! ME DEIXEM TOCAR A VIDA!"

(Cortejo segue rumo às trilhas que vão para o interior da chácara. Som dos tambores de Jongo é ouvido, vindo do fundo do bambuzal, logo após a última frase de *Manoel dos Anjos*.)

AMK

Auto do Manoel Kongo

Embanda!

Cena 05

Encenação

Cena 05

Embanda!

(Público avança por duas trilhas de uma bifurcação, rumo ao interior da chácara. Vão todos para uma clareira no bambuzal. O acesso será lento pois as trilhas são estreitas e já é quase noite. O público, dividido em dois grupos, é orientado por figurantes-guias que, auxiliados por iluminação especial, dinamizam o trajeto, com falas improvisadas, baseadas na narração do *Velho*. Voz do *Velho* deve ser ouvida em todo o ambiente e, os tambores de Jongo, atraem o público para o local da cena. Durante o percurso, público cruza com negros que se encaminham, de várias direções, para a roda de Jongo que, já rola quente na clareira.)

VELHO: (Andando. Fazendo suspense)

_ "ISTO AQUI, GENTE... É A MATA QUE TEM NOS FUNDO DA CASA GRANDE DO SINHÔ CAPITÃO-MOR MANOEL FRANCISCO XAVIER... AQUELE, O INVOCADO QUE TAVA NA FESTA DE INAUGURAÇÃO DA VILA... TOMARA QUE OS CAPANGA DELE NUM TENHA VISTO NÓS ENTRANDO ASSIM, NÉ?... PODE ESTRAGAR TUDO. LEVA TUDO PRO BURACO... ELES TÃO OUVINDO O BATUQUE AQUI, NÉ? MAS TÃO LÁ EM CIMA... GARRADO NO SACO DO SINHÔ... BATUQUE DE CAXAMBU, DE CANDONGUÊRO? É ROTINA PRELES! OS NEGO TÃO LÁ NO JONGO... FOLGANDO, NÉ?... COMO SE DIZ? ESPANTANDO AS AGRURA DA VIDA... OS FEITOR LAMBE-CU TÃO LÁ QUIETINHO... MESMO COM O BARULHO... JÁ SE ACOSTUMARO.

(Faz pausa. Olha o caminho)

... NO INÍCIO, O JONGO INTÉ QUE ERA PROIBIDO POR AQUI. SABE POR QUÊ?... DONA SINHÁ MARIA ELISA, MUIÉ DO CAPITÃO, DIZEM QUE SE ARREPIAVA TODA... FICAVA NERVOSA. DAÍ O CAPITÃO ACHOU QUE ERA OS TAMBOR... O BATUQUE ERA O CULPADO DELA NÃO TER DADO À LUZ NENHUM FIO HOMEM OU MUIÉ QUE FOSSE... VAI SE DORMIR COM UM BARULHO DESSE. (Ri do trocadilho)... IMAGINA! TAMBOR EMPATAR FÔ... QUER DIZER, TAMBOR EMPATAR AS EMPRENSAÇÃO LÁ DELES... NUM ERA OS TAMBOR. DESCOBRIRO DEPOIS, QUE ALGUÉM DO CASAL, NUM SE SABE SE ELE OU SE ELA... ERA ASSIM VAZIO POR DENTRO, SABE? SECO, INCRUADO. E... HUM, HUM... DAQUELE MATO NUM IA NUNCA SAIR COELHO. DAÍ PRONTO... O JEITO FOI MESMO LIBERAR O JONGO, QUE É PRA TODO MUNDO ESQUECER LOGO AS DESVENTURA DO CASAL... QUE COISA, NÉ PESSOAL? (*Velho* chega na clareira. Fala para Jongueiros dos tambores:)

VELHO:

_ "Ô GENTE! TOCA JONGO FORTE AÍ, SÔ! AGORA PODE."

(Jongo segue animado, muita cantoria. *Velho* entra em cena. Se ajoelha em frente aos tambores. Cumprimenta as mulheres da roda, fazendo medidas com o chapéu. Vindo detrás do bambuzal, sete negros aparecem na roda. São cinco homens e duas mulheres. Recém-chegados cumprimentam os presentes com gestos. Ficam agrupados, em frente aos tambores, depois de se ajoelharem diante deles. Batem palmas, participando da roda. *Velho* grita, interrompendo a música e a dança:)

VELHO:

_ "MACHADO! MACHADO, MINHA POVARIA!"

(*Velho* sai da cena. Volta para o meio do público. Os escravos do grupo que chegou, assumem posições centrais. Outros Jongueiros se sentam em torno dos sete. Uma garrafa grande de pinga, circula de mão em mão. Um dos homens que chegaram, avança dirigindo-se a todos, inclusive ao público. É *Manoel Kongo*.)

MANOEL KONGO: (Apontando para o mais velho do grupo que chegou)

_"QUEM NÃO CONHECE PAI IGNÁCIO AÍ? POIS É... É HOME BOM, GENTE. VIZINHO DE NÓS, ALI DA FAZENDA DE STA. TEREZA, DOS AVELÁ... ELE É QUE NEM EU, FERREIRO DA FAZENDA (Para os músicos:) TOCA O TAMBU AÍ, GENTE! VAMO SARAVÁ NOSSA VISITA!" (Tambores rufam.)

(Alguns dos recém-chegados se sentam também. Ficam em pé somente *Manoel Kongo*. *Pai Ignácio*, *João Angola* e *Mariana Crioula*. *Balbina* se senta ao lado de *Manoel Kongo*. *Pai Ignácio* fala para os presentes:)

PAI IGNÁCIO: (Pausadamente)

_"NUM VIM AQUI SÓ PRA JONGAR, NUM É MESMO? O MANÉ KONGO ME CHAMOU AQUI FOI PRA NÓS ASSUNTA COM OCÊS, TIRAR LOGO O SOFRIMENTO DESSA CURIOSIDADE DE OCÊS (Para um Jongueiro que segura a garrafa:) ...ME DÁ UMA PINGUINHA AÍ... POR FAVOR! (Bebe. Limpa a boca com a mão e prossegue) ...ESSE POVO QUE CHEGOU COM A GENTE, OCÊS CONHECE TUDO, NÉ? TUDO MOEDINHA DE REIS... POIS ENTAO ME DIGAM: TIRANDO AS MUIÉ, O QUE É QUE ESSES NÊGO PRETO TEM DEMAIS? (Não espera resposta) ...ELES VIVEM ZANZANDO POR AÍ NÉ? UM DIA NA VILA, OUTRO DIA NA ESTRADA-... UM DIA NA FAZENDA DALI, OUTRO DIA NA VENDA... PARECE ATE QUE NUM É ESCRAVO QUE NEM OCÊS, NUM É MESMO?"

(Escravos se entreolham. Murmuram perguntas uns para os outros. *João Angola* toma a palavra:)

JOÃO ANGOLA (Incisivo)

_"...E... ENQUANTO OCÊS TÃO AÍ, SEMPRE GARRADO NAS ANÁGUA DA SINHÁ... TUDO VIGIADO PELOS FEITOR CARRAPATO, APANHANDO NO LOMBO, NA CARA... ESSES PRETO AQUI TÃO CIRCULANDO... QUEM FALOU O QUE ELES SÃO CAPACHO? (Para uma mulher)... OCÊ? OCÊ, PRIMA? (Olha para outra mulheres)... NUM FOI MAS PENSOU, NÉ?"

MARIANA CRIOULA: (Sorrindo, com ironia)

_"VÊ SE PODE? JOÃO FALA MAL DAS MUIÉ, NÉ BALBINA? (Balbina ri) ESQUECE QUE FOI PARIDO POR UMA... (Grupo inteiro ri)... ELE PENSA QUE NÓS VEIO AQUI SÓ PRA DANÇAR DE UMBIGADA!"

BALBINA: (Se levantando)

_"POIS É, CRIOULA! NÓS FICA LÁ NA COZINHA.. LÁ, COSTURANDO VESTIDO DE SEDA PRA SINHÁZINHA E ELE NUM SABE PORQUE..."

(Grupo ri. *João* fica envergonhado. *Balbina* prossegue.)

BALBINA: (Zombando)

_"É NOS QUE TRAZ OS SEGREDO DA FAZENDA, SEU BOBO! (Grupo ri, de novo) TU ENTENDE, CABEÇUDO? É NÓS QUE CONTA O QUE OUVIU DOS FEITOR, DO CAPITÃO... TU É GALO NOVO, RAPAZ... NÓS JÁ É MACOTA, NÉ?"

PAI IGNÁCIO: (Intervindo. Burburinho aumenta. Alguns jongueiros se levantam. Jongueiros riem.)

_"É ISTO... É ISTO SIM! NÓS FOI TUDO OBEDIENTE... FEZ TUDO DIREITINHO, NÉ? O SINHÔ, DAÍ RESOLVEU MANDAR. A GENTE PRA VILA, PRA APRENDER OFÍCIO, PROFISSÃO. HOJE NÓS TÁ AÍ. SOMO FERREIRO, CARPINTEIRO, CALDEREIRO, SEM DESFEITEÁ QUEM É DE SERVIÇO DE ROÇA... ANDAMO POR AÍ, PODEMO PARAR NA VENDA E CONVERSAR COM BRANCO, COM PRETO, SABER TUDINHO DE COMO FUNCIONA A ESCRAVIDÃO. ORA, ORA! SE NÓS NUM É CAPACHO, NO QUE É QUE A GENTE IA PENSAR? NA LIBERDADE, ORA! NUM JEITO DE NÓS FUGIR!"

MANOEL KONGO: (Tomando a fala)

_"NOS AVELÁ, NA STA. TEREZA, NA BELA VISTA... EM TODAS AS FAZENDA DAQUI ATÉ SEIS LÉGUA, NÓS JÁ TEM GENTE PREPARADA... NÓS JÁ TÁ HÁ QUATRO ANO AJEITANO ISSO... EU, MAIS UM MAGOTE DE PRETO COMO ESTES QUE VIERO HOJE AQUI NO JONGO... O PAI IGNÁCIO É AFRICANO... ENSINOU COMO É QUE SE FAZ LÁ NA ÁFRICA... A GENTE FEZ UMA SOCIEDADE SECRETA, NUM É? SOCIEDADE DE PRETO, COM A BÊNÇÃO DE SANTO ANTÔNIO... O COMANDO AQUI DA FREGUESIA, É COMIGO E O JOÃO ANGOLA (Chama *João* para perto)... TUDO QUE NÓS FALÁ... NO DIA E HORA, OCÊS FAZ, TÁ CERTO?"

JOÃO ANGOLA: (Agitado, nervoso. *Mariana e Balbina* fazem ar de desdém.)

_"SÓ TEM UMA COISA, GENTE... JÁ MORREU MUITO NEGRO MATADO AQUI NA FREGUESIA, NA MARAVILHA TAMBÉM. OS SINHÔ TÃO OURIÇADO... QUERENO DESCOBRIR TUDO... OS HOME DA GUARDA NACIONÁ TÁ FUÇANDO POR AÍ. O COCHICO, TODO MUNDO SABE, TÁ COMENDO SOLTO E OS FEITOR TEM ORDEM DE MATÁ... DE MODO QUE... NUM VAI DAR TEMPO DE SOCORRER QUALQUER LINGUARUDO QUE SAIR POR AÍ (Olhando para uma mulher:) OCÊ MULHER!... CADÊ TEU MARIDO QUE NUM TÁ AQUI? ME DESCULPE MAS... CADÊ ELE? (Mulher não responde. *Balbina* recrimina *João*)

BALBINA KONGA:

_"Ô SÔ! DEIXA AS MUIÉ EM PAZ, HOME!"

JOAO ANGOLA: (Para *Balbina*)

_"LARGA DO MEU PÉ, PRIMA! TÔ FALANDO PRO NOSSO BEM... TU NUM VÊ? (Para todos:) ...TEM GENTE AQUI QUE TEM A BOCA MAIOR QUE A CARA... QUEM TIVER SEM CORAGE DE FUGIR, QUEM PREFERIR FICAR AQUI, COMENDO NA MÃO DO SINHÔ, QUE FIQUE MAS... DE BOCA LACRADA (Para *Manoel Kongo*) ... DESCULPA, MANO! E QUE EU FICO NERVOSO COM ESSA GENTE MEIA PATACA QUE ANDA POR Aí. (Abrasa *Balbina* e *Mariana*)... AS UNICA MUIE BOCA PEQUENA AQUI, SÃO ESSAS DUAS... DESCULPA, MINHAS PRIMA (Riem da discussão.)

MANOEL KONGO: (Prosseguindo)

"TÁ CERTO, JOÃO... TÁ CERTO SIM, NÉ BALBINA? AQUI NÓS TEM QUE SABER QUE NÃO TEM VALENTE NENHUM... TODO MUNDO VAI ESPERAR A HORA CERTA PRA FUGIR... NÓS É QUE VAI AVISAR. SÓ EU E JOÃO. (Apontando) AQUELA BICA LÁ DAQUELE FAZENDEIRO, OCÊS VIRAM? TÁ CHEIO DE VALENTE LINGUARUDO ENTERRADO LA. NÓS JÁ TÁ CANSADO DE ESPERAR E...COM OS HOME DA POLICIA FUÇANDO POR AÍ VAI TER QUE SER LOGO, NÉ?

(Chama *Pai Ignácio* pra perto)

... ELE DIZ QUE QUEM SABE CURAR, QUEM FAZ MEDICINA LÁ NA ÁFRICA, CHAMA DE EMBANDA, NÉ PAI? POIS É, NÓS AGORA É TUDO EMBANDA, TÁ? NÓS VAI CURAR A DOENÇA DA ESCRAVIDÃO. TODA DOENÇA TEM QUE TER REMÉDIO. SE TEM SANTO ANTÔNIO E TODOS OS SANTO NO CÉU. NÓS VAI CONSEGUIR... A GENTE PODE MORRER, NÉ? MAS, VAMO PENSÁ... MORRER TAMBEM É LIBERDADE... MORRER LUTANDO, ORA! OU NÓS NUM É HOME? NUM É MUIÉ? (Gritando)...TODO MUNDO É EMBANDA! EMBANDA!

(Todos respondem)

...EMBANDA! TODO MUNDO É EMBANDA!

(Tambores retomam o Jongo. *Velho Caxambuzeiro* se encaminha para a escadaria que dá acesso para fora da clareira, rumo ao pátio da Casa Grande, acima, seguido pelo público. Jongo vai sumindo. Jongueiros saem, pelas trilhas, para compor cena seguinte.)

AMK

Auto do Manoel Kongo

Emboscada

Cena 06

Encenação

Cena 6

Emboscada

(Público subindo escadaria do fundo da chácara. *Velho*, subindo junto com figurantes que, orientam o caminho, fala:)

VELHO:

_"VAMBORA! A COISA TÁ QUENTE POR AQUI, E SE A GENTE FOR PEGO NO MEIO DO ROLO?... VAI SAIR TODO MUNDO DESEMBESTADO PELO MATO? E SE SAIR TIRO? VAMBORA QUE NÓS NUM É DESSE TEMPO, NÃO... DEIXA A HISTÓRIA RODÁ... VAMBORA!"

(Cortejo avança para o pátio superior da Casa da Hera. Vai se acomodando em toda a extensão do pátio em frente. Cena será montada no bosque abaixo, próximo ao pátio inferior, em ângulo visível ao público. Nas árvores da cena, no limite visível, uma senzala. Longe dela, dois feitores estão sentados, conversando. Os sons da cena são os previstos no ambiente - pio de coruja, sapos, etc. - *Velho*, mostrando o espaço iluminado da cena abaixo, fala:)

VELHO:

_"O AMBIENTE TÁ PESADO POR AQUI NESTA FAZENDA DA FREGUESIA. O CAPITÃO-MÓR, O DONO... MANDOU OS FEITOR FAZÊ GUARDA NA FRENTE DA SENZALA DIA E NOITE... INDA MÊS PASSADO, MATARO UM FEITOR POR AQUI... AS COISAS SÃO FALADA À BOCA PEQUENA QUE É PRA GUARDA NACIONÁ NÃO SABER. O CAPITÃO-MOR TEM MEDO QUE O WERNECK, CHEFE DA GUARDA NACIONÁ - DE VALENÇA, MANCOMUNADO COM OS AVELLAR, O CORRÊA E CASTRO, O LEITE E TODOS OS SEUS INIMIGO, ARRANJE UM JEITO DE FERRÁ ELE. VÃO QUERER BOTÁ TROPA NAS TERRAS DELE. VÃO TER UM PRATO FEITO PARA ARRUINAR MANOEL FRANCISCO XAVIER

(*Velho segue*)

... E O QUE É QUE ELE FEZ? BOTOU POLÍCIA INTERNA, FALOU COM OS CAPANGA E COM OS FEITOR QUE... DAQUI NUM SAI NEGRO NENHUM, NEM VIVO, NEM MORTO PRA FAZÊ QUILOMBO... O WERNECK DA GUARDA NACIONÁ JÁ TÁ INTEIRADO. INVESTIGOU QUE LÁ PROS LADOS DO PILAR, A POLÍCIA PRENDEU UM MASCATE SABE COM QUE? UNS TRÊS BARRIL DE PÓLVORA, GENTE! ENCOMENDADO PELOS PRETO DAQUI... NUM SE SABE COM QUE DINHEIRO, NEM COM QUE INTENÇÃO. PÓLVORA, SÔ! SÓ PODE SER PRA FAZER FUNDUNÇO!... BOTAR NAS ESPINGARDA E MATÁ OS BRANCO... VIRGE NOSSA SENHORA!... MAS... TÁ BOM. A GENTE SABE MAIS QUE ELES, NÉ? SÓ QUE... VAMOS FICAR COMO DIZ JOÃO ANGOLA... DE BOCA LACRADA!"

(Feitores na cena abaixo, conversam preocupados.)

FEITOR I:

_"CADÊ O HOMEM, MEU DEUS?... JÁ FAZ PRA MAIS DE DUAS HORAS QUE ELE FOI... ESSE JAQUES CRIOULO... O SINHÔ PEGA ESSES NEGRO MAIS SEM BRIO... DÁ SAPATO, DÁ FACÃO, DÁ PISTOLA E DEIXA NÓS... QUE É FEITOR VERDADEIRO, AQUI... COCHICHANDO... ERA SÓ PEGAR ESSE TAL DE ADÃO BENGUELA, TRAZER ELE PRA NÓS E... PRONTO, NÉ?... TÁ DEMORANO UMA VIDA! (Assustado, olhando em torno)... IH! ... QUE É ISSO? TU OUVIU?"

FEITOR II: (Calmo)

— "VAMO COM CARMA, NÉ HOME! NUM PRECISA SE CAGAR TODO ASSIM. NÓS NUM TÁ AQUI PRA SAIR POR AÍ... AFOBADO, PROCURANDO. VAMO ESPERAR, TÁ?... NÓS NUM É POLÍÇA DO SINHÔ, NÃO."

FEITOR I:

— "(irônico:)... POR AÍ... POR AÍ! (incisivo:)...NÓS TEM QUE SER POLÍCIA SIM, JUCA. E NÓS VAI FICAR POR ACASO ASSIM... ESPERANDO OS ESCRAVO QUEIMAR TUDO?... OCÊ TEM QUE SABER QUE AS PRIMEIRA CABEÇA A ROLAR, VAI SER AS NOSSA. NÓS É PRETO, JUCA. IGUAL A ELES... MAS NÓS FOI PROMOVIDO A FEITOR... MUITA GENTE AQUI QUER VER NÓS DOIS NO BURACO. DEUS ME LIVRE DE MORRER ASSIM. (Assustado. Olhando o mato) ...Ô SÓ! DE NOVO!"

FEITOR II: (Não ouve nada no mato)

— "CALMA. CALMA. NÓS VAI DESCOBRIR TUDO, HOME. OS CABEÇA NÓS JÁ SABE... ADÃO JÁ FALOU. MANÉ KONGO, JOÃO ANGOLA E OUTROS TAIS, NÓS SABE QUE TÃO DE CASO PENSADO... MAS E A HORA? E O DIA DO LEVANTE? TEM QUE PEGAR O MACACO COM A MÃO NA CUMBUCA... O JAQUES CRIOULO É HOMEM BOM DE CONVERSA... ELE TRAZ O ADÃO AQUI. ELE QUER SER FEITOR, HOME. QUANDO O CAMARADA QUER SUBIR NA VIDA, DÁ NÓ ATÉ EM COBRA VIVA. CÊ VAI VER!"

(Ruídos de vozes nas árvores. Feitores se levantam assustados.)

FEITOR II:

— "ALÁ!...CHEGOU O HOME... NUM DISSE?"

(Jaques Crioulo traz Adão Benguela pelo braço.)

JAQUES CRIOULO: (Ofegante)

— "ADÃO BENGUELA, ADÃO BENGUELA!... TU FALA TUDINHO, TUDINHO, HOME... SENÃO, OS FEITOR VAI TE DESPELAR QUE NEM PORCO. TU SEMPRE ABRIU A BOCA PRO SINHÔ. O QUE É AGORA? (Para os feitores)... TÁ AÍ O HOMEM... TAVA ESCONDIDO IGUAL COTIA, NO PÉ DA ESTRADA. RODEI MUNDO PRA ACHAR... DIZ ELE QUE, DESTA VEZ, NUM VAI FALAR."

FEITOR II: (Acalmando Adão)

— "DEIXA, JAQUES. DEIXA! SOLTA O BICHO. (Para Adão} FICA CALMO QUE NINGUÉM VAI SABER QUE FOI TU QUE FALOU... NÓS VAI ATÉ A CASA GRANDE, SE TU QUISER... QUIETINHO, QUIETINHO. VOCÊ DÁ O SERVIÇO E... PRUCUTU! VOLTA PRA CAMA... PRO LADO DAQUELA SUA MULHER BOCA GRANDE... FALANDO NISSO, CADÊ SUA MULHER? ELA TÁ NA SENZALA, NÉ? POIS ELA É QUE É TUA PERDIÇÃO, HOMEM. SE ALGUÉM ABRIR A BOCA PRA DIZER QUE FOI TU, QUE FOI OCÊ QUE CONTOU TUDO, FOI ELA VIU. TU SEGURA A BOCA DELA PRO TEU BEM, HOME... VAMO, VAMO... (Sobem para a Casa Grande)... CORRE LÁ, JAQUES! ACORDA O SINHÔ."

(*Jaques* sobe o pátio correndo. Luzes da casa se acendem. Público abre passagem para *Jaques* que sobe por escada do pátio. *Feitores* e *Adão* vêm atrás. Todos entram na casa. Porta é fechada.)

(As situações que ocorrem no pátio em frente à casa, ocorrerão, quase sempre, em meio ao público. Uma faixa livre, entre o pátio e a casa, será mantida pelos figurantes. O patamar e as escadas de acesso à casa, bem como o pequeno muro do pátio, devem ser usados como espaços cênicos alternativos.

Vozes são ouvidas nas árvores abaixo. Cena se desloca para lá. Escravos saem em pequeno grupo até o limiar das árvores com o pátio inferior. O grupo e dos líderes. Todos os escravos vão ocupando o espaço das árvores. *Manoel Kongo* fala para *João Angola*. Falam baixo, cuidadosos:)

MANOEL KONGO: (Olhando a casa)

_ "TÃO DURMINDO NÃO? POR QUE SERÁ?"

JOAO ANGOLA:

_ "SEI NAO, MANO. TÁ ESQUISITO. CADÊ OS FEITOR QUE TAVA AQUI SEMPRE? OLHA LÁ! (Mostra a casa)... LUZ ACESA, A ESTA HORA?"

MANOEL KONGO:

"CHEIRANDO MAL, NÉ? TÔ CUM PRESENTIMENTO... CHAMA O EVARISTO!"

(*Evaristo Benguela* chega.)

MANOEL KONGO:

_ "E AÍ... QUE É QUE TU VIU?"

EVARISTO BENGUELA:

_ "DISCULPA, MANO.FUI NA SENZALA. ESCUTEI BARULHO POR LÁ... QUANDO CHEGUEI, ELES TAVAM TRANCANDO A PORTA..."

MANOEL KONGO:

_ "ELES QUEM, EVARISTO? TU NUM VIU?"

EVARISTO:

_ "PARECE QUE ERA OS FEITOR... TAVAM AGITADO. SEI NÃO, MANO... PARECE QUE TÃO CHEGANDO PERTO, NÉ?... ESTE ZUM ZUM ZUM NA CASA GRANDE A ESTA HORA..."

MANOEL KONGO: (Preocupado)

_ "TÁ BOM, EVARISTO... VAI LÁ NA SENZALA, PEGA AS PISTOLA ESCONDIDA..." (*Evaristo vai. Manoel para João Angola:*) ... É MANO. NUM TEM JEITO. VAMO TER QUE AGIR... ESPERAR TÁ FICANDO ARRISCADO... (Vão para perto das árvores onde estão os outros) ...VAI MANO (Para *João Angola:*) ME CHAMA O CAMILO... ELE VAI TER QUE CORRER LÁ NA MARAVILHA... VÊ O QUE TÁ ACONTECENDO POR LÁ... VAI. CHAMA O HOME."

(*João Angola* sai de cena. *Manoel* chama um outro negro e o manda se esgueirar até a cozinha da casa.)

MANOEL KONGO:

_ "VAI LÁ VOCÊ. COM CUIDADO. FALA COM BALBINA E MARIANA PRA JUNTAR AS MUIÉ TUDO NA COZINHA... DIZ BALBINA PRA PEGAR NOSSO FIO E FICAR GARRADA COM ELE... NÓS VAI PEGAR ELAS LÁ... ASSIM QUE DER."

(*João Angola* volta com *Camilo Sapateiro*. *Manoel* abraça *Camilo* e fala:)

MANOEL KONGO:

_ "FICA CALMO, MANO. TÁ TUDO ACERTADO. TU CORRE LÁ NA MARAVILHA E SONDA CUMO TÁ... VAI NA SANTA TEREZA E DIZ PRO EPIFÂNIO... BATE NA SENZALA TRÊS VEZES QUE ELE ATENDE... DIZ PRA ELE QUE É HOJE O DIA... NUM DÁ PRA SER AMANHÃ... DIZ QUE A HORA... É AGORA!"

(*Camilo* vai, escondido nas árvores até o próximo portão)

MANOEL KONGO: (Para *João Angola*)

_ "PRA MAIS DE 500 PRETO VÃO CUM NÓS HOJE, MANO. NUM TEM GUARDA NACIONÁ QUE ARRANQUE A GENTÉ DE LÁ DA SERRA! (Pra outros escravos próximos) VÃO...VÃO PRO MATO ALI.. ESPERÁ O SINAL."

(Porta da casa se abre. *Camilo* ainda não chegou no portão e é visto por feitor. *Feitor* grita:)

FEITOR II:

_ "ALÁ SINHÔZINHO... (Para *Feitor:*) CORRE PEGÁ ARMA! É O HOME!"

(*Feitor I* entra para pegar arma. *Jaques Crioulo*, já armado, corre para o portão. *Camilo* corre para a rua. Escravos todos estão escondidos quando porta se abriu. *Jaques* e *Camilo* somem pelo portão, tiros são ouvidos lá fora. Feitores correm para o portão. Escravos também. Um grupo imobiliza feitores e toma suas armas. *Manoel Francisco* se tranca em casa. Escravos exaltados, levam feitores e *Jaques*, dominados, para a Casa Grande. Grupo pequeno, com *Manoel Kongo*, vai para fora da chácara e volta com *Camilo* ferido de

morte. Os dois grupos avançam para a frente da Casa Grande. Público dá passagem.)

EVARISTO BENGUELA: (No caminho, empurrando feitor.)

_ "MATA! MATA! VAMO SANGRÁ ELE!"

»

(Escravos gritam ofensas. Hostilizam feitores. Luzes da Casa Grande se apagam. *Manoel Kongo*, sobe escadas da Casa Grande com *Camilo* carregado.)

MANOEL KONGO: (Para o moribundo, no patamar da escada.)

_ "FOI JAQUES, NÃO FOI? FOI AQUELE CACHORRO?... DIZ PRA NÓS, MANO!"

(*Camilo*, quase morto confirma que sim.)

MANOEL KONGO:

_ "... EU VI O SARNENTO CORRER... CONHEÇO A SOMBRA DELE... SE TU MORRER, MANO... NUM VAI SOBRÁ RAÇA DE FEITOR NENHUM MAIS NESSE MUNDO."

EVARISTO BENGUELA: (Batendo em *Jaques*.)

_ "TU VAI MORRER, CACHORRO!"

(Escravos esmurram a porta. Fazem grande alvoroço. Os que tem armas dão tiros para o alto.)

AMK

Auto do Manoel Kongo

Fuga

Cena 07

Encenação

Cena 07

Fuga

(Escravos fazem grande alvoroço. Cena anterior se prolonga. *Manoel Kongo* larga *Camilo* no chão do patamar e grita, na porta:)

MANOEL KONGO:

_"ABRE, SINHÔ XAVIER. PODE ABRIR SENÃO VAI SER PIOR. NÓS TEM UM MORTO AQUI... TEM QUE DÁ PROVIDENCIA! ABRE QUE O POVO QUÊ SANGRÁ OS FEITÔ... ABRE SINHÔ!"

(Escravos fazem alarido. Depois de instantes *Manoel Francisco* acende a luz. Alarido cessa. Abre a porta. Está de pijamas e apavorado mas, mesmo assim tentando impor sua ordem.)

MANOEL FRANCISCO: (Para *Manoel Kongo*)

_"CONVERSEMOS, POIS. ESPERO QUE SAIBAM A GRAVIDADE DO QUE ESTÃO FAZENDO...TENS UM MORTO? POIS BEM... QUANTOS QUEREM MAIS?"

(Escravos se agitam. Nervosos.)

MANOEL KONGO: (Firme)

_"TÔ SENDO HOMEM DE HONRA, SINHÔ... MAS ACHO MELHOR O CAPITÃO BAIXAR A CRISTA. NÓS SABE MUITO BEM QUE AGORA NUM TEMO NADA A PERDER... O SINHÔ TÁ VIVO, NÉ... VAI FICAR VIVO... SE QUISER. NÓS NUM MATOU NINGUÉM... NUM MACHUCOU NINGUÉM... O CASO É QUE NÓS QUER FUGIR NA PAZ. SEUS FEITOR JÁ MATOU MUITO PRETO AQUI... O SINHÔ SABE, PORQUE PRA NÓS... VOSMECÊ TÁ NA CONTA DE MANDANTE..."

JOÃO ANGOLA: (Exaltado)

_ "EU QUERO SANGRÁ ELE, MANO! DEIXA EU CHUMBÁ ESSE NOJENTO!"

(Clima se agita de novo. *Maria Elisa* chega à porta, apavorada. Histérica.)

MARIA ELISA: (Abraçando o marido)

_ "FECHA, MANOEL! ELES VÃO NOS MATAR, NÃO VÊS? AI, CRISTO SALVADOR (Para os escravos)... VÃO PAGAR, HÃO DE PAGAR... AI, MANOEL, ME ACUDA!"

(Tumulto. *Manoel Kongo*, barra a entrada dos mais exaltados.)

MANOEL KONGO:

_"VÃO PARÁ! VÃO PARÁ! (Pra *João Angola*:) OLHA AQUI, MANO. TU NUM PODE SER COMANDANTE DE NADA DESSE JEITO... SAI DAQUI QUE EU RESOLVO... VAI LÁ, PEGA UM GRUPO E CORRE NA MARAVILHA. MANDA ALGUÉM NOS AVELÁ, AVISA O EPIFÂNIO. LEVA VICENTE MOÇAMBIQUE, LEVA OS BRABO COMO TU. (Para Evaristo:) ENTRA EVARISTO! ESCOLTA O SINHÔ AQUI NA CASA UM POUÇO. (Porta é fechada. Feitores, *Jaques* e o casal ficam lá dominados por *Evaristo* e outros. *Manoel* segura *João Angola*) TÁ LEMBRADO DO QUE TEM QUE FAZER, MANO? (*João Angola* ri).

JOÃO ANGOLA:

_"DISCURPA AÍ. SÓ TÔ COM RAIVA, NÉ MANO. PODE DEIXAR. TRAGO PÓLVORA, TRAGO TUDO QUE É ARMA... TRAGO PETRECHO DE FERREIRO, CARPINTEIRO... TUDO! TÔ INDO, NÉ?"

MANOEL KONGO: (Antes de João sair)

_"OLHA AQUI, JOÃO... TOCA AQUI, MANO (Se abraçam) ...OS FROUXOS QUE TIVER LÁ NA MARAVILHA QUE NUM QUISER VIR... TU TRAZ NO BRAÇO, VIU?... QUERIA IR LÁ... PRA DÁ UMA PISA NAQUELE FEITÔ, O ZEFERINO, NÉ? MAS TU VAI DAR POR MIM."

JOÃO ANGOLA: (Saindo)

_"É ISSO, MANO... NÓS VAMO INDO!"

(Metade do grupo de escravos que está no pátio de baixo corre com *João Angola* rumo ao portão da chácara e saem de cena. Grupo que está no pátio de cima, entra na casa e sai com armas e caixas. Grupo desce o pátio de baixo e se junta aos demais enquanto *Manoel Kongo*, com quatro companheiros, vai a cozinha pegar as mulheres. *Evaristo* e grupo, trancam a casa e deixam *Senhor* e capangas lá.)

MANOEL KONGO: (Na frente da cozinha)

_"TÁ NA HORA. BALBINA! MARIANA!... BALBINA! TRÁZ AS MUIÉ... VAMBORA!"

(Grupo todo junto no pátio de baixo, portando armas e caixas retiradas da Casa Grande. Com *Manoel Kongo* e outros líderes à frente. Sai correndo para o interior da chácara. Vão gritando até sumir nas trilhas. *Balbina* traz consigo, o filho, um menino com cerca de dois anos.)

GRUPO: (Gritando)

_"EMBANDA! NÓS TUDO É EMBANDA!" "É LIBERDADE, GENTE! LIBERDADE!"

AMK

Auto do Manoel Kongo

A pólvora

Cena 08

Encenação

Cena 08

A Pólvora

(Com a fuga dos escravos, luzes da casa se acendem. *Velho Caxambuzeiro*, agora só com o público e os figurantes, sobe as escadas da casa e, usando o patamar como palco, fala para o público:)

VELHO: (Emocionado, enxugando lágrimas)

_"ELES SUMIRAM NO MUNDO... CÊS VIRAM? FORAM PRA ONDE NUM TEM NEM SOMBRA DE ESCRAVIDÃO... ISTO ME LEMBRA MEU AVÔ QUE CONTAVA QUE O LUGAR QUE TODO ESCRAVO FUGIA, SE CHAMAVA ARUANDA... UMAS TERRA DE PAÇOCA DOCE, CUM RIO TUDO ESCORRENDO PINGA... OS CAMINHO TUDO VERDINHO DE PALMEIRA, ESPADA DE SÃO JORGE E BANANEIRA... POIS É. ELES FORAM PRA LÁ... PRA ESTE LUGAR, NO ÔCO DO MUNDO.

(Vira-se para a porta da casa. Bate na porta. Olha de novo o público.)

... EU FICO EMOCIONADO... OCÊS VÊ?... SEI QUE JÁ É PASSADO... TUDO AMARELADO DO TEMPO MAS, SOU VÉIO MANTEIGA ASSIM MESMO... FAZER O QUÊ?

(Bate de novo na porta. Luzes se acendem.)

...ESQUECEMO DO HOME, NÉ? O TAL DO CAPITÃO-MOR, COITADO... O MUNDO CAIU NA CABECA DELE... O HOME MANDOU, BATEU, MATOU, E AGORA TÁ AÍ, TRANCADO, NAS MÃO DE UM VÉIO PRETO QUE NEM EU... MUNDO QUE DÁ VOLTA, NUM É MESMO? (Pra quem está dentro.) ...PRONTO, SEU MANOEL!... JÁ CABOU O FUNDÚNÇO... CÊS PODE TUDO SAIR AGORA!

(Capitão-mor abre a porta. Recua quando vê o público, desorientado. Está de pijamas. Velho continua, insiste.)

...Ô SINHÔZINHO! PODE SAIR, HOME. O PIOR JÁ PASSOU. PODE SAIR CUM SEUS CAPANGA, CUM SUA SENHORA... E ELA? MELHOROU?... VAMBORA. TEM QUE SER DEPRESSA! E SE OS REVOLTADO VORTÁ? ELES VÃO QUERER PEGAR OCÊS E... Ô! "(faz gesto de degolar)

(*Manoel Francisco* sai, abraçado com *Maria Elisa*. *Jaques Crioulo* e os dois *feitores* saem humildes, cabisbaixos. *Capitão -Mor* se veste no meio do público. Enquanto se veste. Fala:)

MANOEL FRANCISCO: (Ainda chocado)

_"FALTOU POUCO PARA ME DAREM NA CARA!... BANDIDOS. NUNCA PENSEI EM TODA A MINHA VIDA EM QUE CÁ ESTOU, PASSAR POR UM APERTO DESTES. FUI COMO UM PAI PARA ESTA GENTE. SOU UM PORTUGUÊS DE ORIGEM HUMILDE... LÁ DE LISBOA... CHEGUEI ONDE CHEGUEI POR MUITO ESFORÇO E TRABALHO... EU. A MAIOR AUTORIDADE DA REGIÃO, ASSIM... DESCOMPOSTO DIANTE DE VÓS COMO UM... MENDIGO. VÂDALOS! MALVADOS!"

(*Velho*, com ajuda de figurantes, sobe na carroça que está na entrada da chácara. *Manoel Francisco* e *Maria Elisa* sobem também. *Velho* fala:)

VELHO: (Levantando a bengala)

_"TOCA MEU POVO! VAMO SEGUIR O FIO DESSA MEADA. TOCA PRA CÂMARA!"

(Cortejo inicia descida da rua rumo à câmara. Após fala do *Velho*, grande grupo de escravos - todos os figurantes disponíveis - intercepta o cortejo. Os *escravos* estão vestidos com novas peças, recolhidas da fazenda. Muitos trazem espingardas, pistolas e usam chapéus. No grupo estão alguns capoeiristas. Música tema do Auto ecoa na rua com a chegada dos quilombolas. Cortejo, animado pela música e pelo jogo de capoeira, vai descendo. *João Angola*, comandando o grupo, de ponto privilegiado da cena móvel, fala. Música cai um pouco de volume.)

JOÃO ANGOLA: (Andando. Falando para o público)

_"CÊS PODE FICAR TRANQUILO! VÃO ANDANDO. FAZ DE CONTA QUE NÓS NUM TÁ AQUI... NÓS TAMO INDO PRA OUTRO LUGÁ... NÓS TEM MAIS O QUE FAZER. (Pra *Evaristo Benguela* que está à frente:) ...OH, EVARISTO! VIGIA O CAMINHO AÍ!

(Para o público)

... OS HOME, OS SAMANGO DA GUARDA NACIONÁ TÃO POR AÍ, DOIDO PRA SE CONFRONTAR CUM NÓS... AH! AH! POIS EU, TÔ CUM ORDE DE MANOEL KONGO PRA NÓS ATACAR SABE O QUÊ?... A FÁBRICA DE PÓRVORA! ONTI, DEPOIS DA FUGA, PASSAMO A NOITE MUITO BEM, GRAÇAS A DEUS. FIZEMO UMA ARRANCHAÇÃO GRANDE, NO PÉ DA SERRA DE SANTA CATARINA... CÊS PRECISAVA VÊ! ATÉ OS PASSARINHO CANTAVA DE FELICIDADE. CHEGOU O POVO LÁ DAS TERRA DOS AVELÁ. TAVA COMANDANDO ELES O PRETO EPIFÂNIO MUÇAMBIQUE. ELE MAIS MANOEL KONGO, CONTOU NÓS TUDO... DEU PRA MAIS DE 300 NEGO FUGIDO. NÓS COMEU MILHO ASSADO, ASSAMO UNS CAPADO E... QUER SABER? TAMO MUITO BEM ARRUMADO DE PLANO. NÓS PENSOU O SEGUINTE

(Pra *Evaristo*, de novo)

... QUÊ QUE TÁ FAZENDO, HOME? OLHA O CAMINHO! (Volta ao público)

TAMO AGORA EM DOIS GRUPO. A GENTE VAI SE ENCONTRÁ LÁ NO ALTO. NEM QUE SEJA NO CÉU. UM TÁ LÁ COM MANOEL KONGO E EPIFÂNIO, OUTRO... TÁ COM ESTE JOÃO ANGOLA AQUI, CUM MUITA HONRA. NÓS VAMO PRA SERRA DA ESTRELA. VIU? NÓS VAI FAZER LÁ EM CIMA O QUILOMBO DEFINITIVO. SABE PRA ONDE NÓS VAI AGORA? EU E ESSES NÊGO FEIO QUE TÁ COMIGO? JÁ FALEI NÉ? POIS É... VAMO ATACAR ESSA FÁBRICA, PEGAR TODO O DIABO DE MUNIÇÃO QUE TIVER LÁ, CARREGAR OS PRETO BOM QUE POR LÁ TRABALHA E, PICAR A MULA PRA SERRA... NÓS VAI PODER ARREBENTÁ CUM QUALQUER TROPA DE SAMANGO QUE SE AVENTURÁ A SUBIR... TÔ PREOCUPADO COM MANÉ KONGO. RESOLVEU FICAR COM BALBINA MAIS O MENINO DELES. TÁ NO GRUPO QUE VAI MAIS DEVAGAR... BOM... DEUS VAI AJUDAR MEU MANO... ELE GOSTA DE DEFENDER AS MUIÉ, NÉ? (Pra *Vicente Moçambique*) Ô VICENTE! DIZ PRESSE POVO QUEM É AGORA NOSSO SINHÔ!"

VICENTE MOÇAMBIOUE: (Bem alto)

_"É MANÉ KONGO!"

JOÃO ANGOLA:

_"E TU, EVARISTO. DIZ QUEM É VICE-REI."

,

EVARISTO:

_"EPIFÂNIO MUÇAMBIQUE, ORA. EPIFÂNIO É O VICE-REI!"

JOÃO ANGOLA:

_"DIZ TODO MUNDO AGORA. NÓS TEM RAINHA?"

TODOS OS QUILOMBOLAS:

_"É A MARIANA CRIOLA! MARIANA CRIOLA!"

JOAO ANGOLA:

_"ENTÃO NÓS NUM TEM MAIS SINHÔ, NÓS TEM UM REI, GENTE?"

TODOS OS QUILOMBOLAS:

_"MANÉ KONGO É REI! MANÉ KONGO É REI!"

(Música volta a tomar a cena. Capoeiristas jogam forte, *João Angola*, com gestos, apressa o grupo. Antes de chegar ao cruzamento se afastam do cortejo, entram na rua à esquerda e somem rápido de cena).

AMK

Auto do Manoel Kongo

Na Câmara

Cena 09

Encenação

Cena 09

Na Câmara

(Hino da Independência ecoa na rua da cena. Grande grupo de soldados da Guarda Nacional está estacionado ao lado da Câmara. Alguns paisanos fazem parte da tropa. Capitão faz soar o apito. Tropa marcha em direção para onde fugiram os escravos quilombolas. Tropa cruza com cortejo do público, entra na rua da câmara e sai de cena. Grupo de populares-figurantes, hostilizam a tropa, formando aglomeração em frente ao prédio, em área que começa a ser tomada pelo público. *Manoel Francisco* desce da carroça e encontra grupo de autoridades que o aguarda. *Werneck* não está no grupo pois já subiu para o prédio, aparecendo depois na cena em cima da câmara, como se voltasse de um combate. Populares, com a saída da tropa passam a hostilizar autoridades que, são protegidas por uma escolta de soldados. Assim protegido, o grupo de autoridades sobe as escadas do prédio que, está iluminado. Autoridades assumem posições nas janelas ou sacadas. Agitação em baixo prossegue.)

POPULAR I: (Agitando)

_"VÃO CANALHAS! VÃO NOS DAR PAZI!"

POPULAR II:

_"CAMBADA DE PAUS-MANDADOS! PULHAS!"

POPULAR III:

_"ATAQUEM! ATAQUEM OS BANDIDOS! FIQUEM POR LÁ!"

(Autoridades em suas posições no prédio, em pé nas janelas ou sacadas, observam a turba, constrangidas. Hino da Independência soa forte ao fundo. *Meirinho* assume sacada ou janela central e fala ao público. Som do hino e agitação vão diminuindo, lentamente. Agitadores gritam insultos esparsos.)

MEIRINHO:

_"PEÇO A ATENÇÃO DE TODOS! ATENÇÃO POR FAVOR!..."

POPULAR II:

_"LADRÕES DO POVO! LADRÕES DO POVO!"

MEIRINHO: (Impassível)

_"... VAMOS DAR INÍCIO NESTA NOITE DE 12 DE NOVEMBRO DO ANO DA GRAÇA DE 1838, À REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL NESTA VILA DE NOSSA SRA. DA CONCEIÇÃO DE VASSOURAS. COM A PALAVRA, O PRESIDENTE DESTA EGRÉGIA CASA. O EXCELENTÍSSIMO Sr. VEREADOR LAUREANO CORREA E CASTRO!"

POPULAR II:

_"PUXA SACOS DO IMPERADOR! BANDIDOS!"

(Agitador e retirado por policiais aos safanões. *Correa e Castro* prossegue:)

CORREA E CASTRO: (Conciliador)

_"A SITUAÇÃO É GRAVÍSSIMA Srs.! NÃO LHES PODEREI OFERECER HOJE O MEU SINCERO BOA NOITE... SEI QUE POSSO CONTAR COM A COMPREENSÃO E A BOA VONTADE DE TODOS. E... MAIS DO QUE NUNCA, O ESPÍRITO DE UNIÃO E FRATERNIDADE QUE SEMPRE INSPIROU OS HOMENS DE BEM DESTA COMARCA. ESTAMOS TODOS MUITO APREENSIVOS NESTE INSTANTE. A INCERTEZA E A INSEGURANÇA SE ABATEM SOBRE NÓS COM OS ANGUSTIANTES INCIDENTES CONTRA OS QUAIS NOS DEPARAMOS..."

(Faz pausa. Olha para o interior da sala onde está.)

...AH, SIM!... ACABA DE CHEGAR AGORA, TEMOS AQUI NA NOSSA CASA... (*Werneck* aparece)... O EXCELENTÍSSIMO Sr. JUIZ DE PAZ JOSE PINHEIRO DE SOUZA WERNECK QUE... (Para *Werneck* solícito.) POR FAVOR Sr.! (Para o público.) ... O Sr. JUÍZ DE PAZ ACABA DE CHEGAR DE UM CRUENTO E... ACREDITO QUE DECISIVO COMBATE, CONTRA OS CELERADOS QUILOMBOLAS DAS MATAS DE Sta. CATARINA... ATENÇÃO DE TODOS, POR FAVOR!"

(Sons de gritos e tiros gravados em fita, vai marcar os incidentes do combate citados por *Werneck*. Os sons se interrompem sempre que houver apartes. *Juiz de Paz* fala com ênfase:)

WERNECK: (Limando o suor do rosto)

_"PARTI ONTEM ÀS 4 HORAS DA TARDE, Srs.... PARTIMOS EU E A TROPA GENTILMENTE CEDIDA PELO EXCELENTÍSSIMO Sr. CORONEL DA GUARDA NACIONAL FRANCISCO DE LACERDA WERNECK... TIVE QUE RECRUTAR TAMBÉM ALGUNS VALOROSOS VOLUNTÁRIOS CIVIS ENTRE OS HOMENS DE BEM DESTA VILA E DE PATY DO ALFERES... QUERO AQUI DEIXAR PATENTEADO O MEU GRANDE ORGULHO PELA CORAGEM DE TODOS OS SOLDADOS DESTA TROPA... DEMOS COM OS BANDIDOS JÁ NO PÉ DA SERRA, NAS MATAS DE Sta. CATARINA... SEGUIMOS POR UMA LONGA PICADA QUE OS MALVADOS ABRIRAM COM MUITA DELIGÊNCIA... HAVIAM NELA, PODEMOS OBSERVAR Srs., RESTOS DE ACAMPAMENTOS QUE OS BANDIDOS CONSTRUÍAM, MAIS OU MENOS DE LÉGUA EM LÉGUA..."

(Sonoplastia começa.)

... OS SURPREENDEMOS NO QUARTO E ÚLTIMO RANCHO QUE ACABAVAM DE CONSTRUIR... OS MALDITOS AO RECEBEREM VOZ DE PRISÃO, NOS GRITARAM MUITOS INSULTOS... COMO ANIMAIS ENLOUQUECIDOS, SUBIRAM NUMA ELEVAÇÃO E... ABRIRAM FOGO CONTRA NÓS! (Olha em torno, observando a reação que sua explanação provoca.)... ERAM CERCA DE SETE OS ATIRADORES... ASSASSINOS! TOMBARAM ALI MESMO DOIS DE NOSSOS PEDESTRES... OS MAIS VALOROSOS... MORTOS! CAÍRAM FERIDOS DOIS OUTROS..."

AVELLAR: (Interrompendo)

_"POR FAVOR! ME ESCLAREÇA Sr. CORONEL... LEVASTE TANTA TROPA PARA COMBATER SETE BANDIDOS?!"

(Populares riem. *Werneck* ironiza.)

WERNECK:

_"CALMA Sr. AVELLAR! QUANTOS ESCRAVOS LHE FUGIRAM?... COMPREENDO VOSSA ANSIEDADE MAS... (Sons do combate retomam)... PUSEMO-NOS QUASE CORPO A CORPO COM OS BANDIDOS E, NA REFREGA, MUITOS PUSERAM-SE EM FUGA COVARDE... TIVEMOS QUE ESPINGARDEÁ-LOS PELAS COSTAS, DIGO... NA FUGA!"

(Burburinho na platéia. *Xavier* sarcástico.)

XAVIER:

_"NA FUGA?! COMO NA FUGA, CORONEL? QUERIAS QUE SE ENTREGASSEM FELIZES? O QUE SÃO ELES SENÃO NEGROS EM FUGA?"

(Gargalhadas de populares. *Popular* grita:)

POPULAR I:

_"COVARDES! MATA PRETOS DE MERDA!"

WERNECK: (Impassível!)

_"...OS BÁRBAROS DEIXARAM NESTA FUGA DESESPERADA, VÁRIOS FERIDOS E, PELO MENOS SETE MORTOS... FIZEMOS, Sras. E Srs.. SETE MORTOS NAS FILEIRAS DOS CELERADOS! SETE MORTOS, REPITO!"

POPULAR I: (Agitando)

_"CONTA DE MENTIROSO! CONTA DE MENTIROSO!"

(*Popular I* é também retirado por soldados com violência.)

WERNECK: (Limpando de novo a testa)

_"ENTRE OS MORTOS, POSSO ANUNCIAR AQUI A MORTE DE UM DOS CABEÇAS. AQUELE QUE SE INTITULAVA VICE-REI, UM NEGRO PERTENCENTE AO Sr. AVELLAR... (Olha *Avellar* com ar de recriminação.)

DE NOME EPIFÂNIO (Murmúrios na Assistência) SIM Srs. E Sras. O VICE-REI ESTÁ MORTO! (Aproveita o clima criado. Sons do combate cessam.)... E TEM MAIS: VINTE SETE FERIDOS... QUERO DIZER, PRESOS... FORAM FEITOS POR NOSSA TROPA!"

XAVIER: (Irritado)

_ "27 PRESOS? MAS FORAM CENTO E TANTOS OS QUE ME FUGIRAM... OUTROS TANTOS AQUI DO AVELLAR! POUE NOSSA INTELIGÊNCIA, CORONEL. FALAS EM 27 PRESOS?... QUE COMPETÊNCIA!"

(*Werneck* se cala. Demora um pouco para se recompor. Hino da Independência soa ao fundo. *Werneck* reassume a ênfase.)

WERNECK: (Discursando)

_ "VENCEMOS Srs. E Srs.. É ISTO QUE IMPORTA. BATEMOS O QUILOMBO DE PATY DO ALFERES (Faz suspense)... TENHO O ORGULHO DE COMUNICAR QUE... ENTRE OS PRESOS TEMOS AQUELA QUE SE DIZIA RAINHA E AQUELE, Srs.... AQUELE QUE, COMO O PRINCIPAL CABEÇA DO LEVANTE ERA POR TODOS INTITULADO, O REI! VENCEMOS MEUS IRMÃOS! O REI ESTÁ PRESO!"

(Autoridades, com exceção de *Xavier*, ficam eufóricos. Grande burburinho na platéia.)

WERNECK: (Aos berros)

_ "ORGULHO-ME Srs. DO DENÔDO DE NOSSA TROPA... PRESTO AQUI MINHA EMOCIONADA HOMENAGEM AOS HERÓIS QUE TOMBARAM NA MATA... EM DEFESA DE NOSSA LIBERDADE, DE NOSSAS INSTITUIÇÕES! SEUS ALGOZES TERÃO O PESO DA LEI SOBRE SUAS CABEÇAS... EU JURO!"

(Populares apupam. *Xavier* protesta.)

XAVIER:

_ "UMA FARSA! UM ENGODO!"

(Hino da Independência continua a soar ao fundo. Burburinho no público continua.)

XAVIER: (Para *Werneck*, possesso)

_ "...PAGAMOS SUA GUARDA NACIONAL. CORONEL! PAGAMOS POR ISTO? EXIJO O PARADEIRO DE MEUS OUTROS ESCRAVOS! NÃO ME ENGANAS. PRA MIM ISTO É UMA FARSA, REPITO!"

CORREA E CASTRO: (Enérgico)

"...CONTENHA-SE, CAPITÃO-MÓR! CONTENHA-SE. POSSO... APESAR DE SUA POSIÇÃO... POSSO EXPULSÁ-LO DO RECINTO... NÃO POSSO TOLERAR ABUSOS NESTA CASA... V.S. FAZ-SE VÍTIMA NUMA HORA DESSA... NÃO PODEMOS ACEITAR QUE OFENDAS A GUARDA NACIONAL. SAIBA QUE, O TEMOS NA CONTA DE GRANDE RESPEITO MAS... TENHO QUE AFIRMAR QUE VOSSA SENHORIA ESTÁ NA CONTA DE GRANDE RESPONSÁVEL PELO OCORRIDO..."

XAVIER:

_"SEJA CLARO, Sr. CORREA E CASTRO!"

CORREA E CASTRO:

_"... É O QUE SABES! MANTIVESTE O FOCO DA INSURREÇÃO EM VOSSAS PRÓPRIAS BARBAS, CAPITÃO! POR FAVOR... MANTENHA A COMPOSTURA, POR FAVOR!"

XAVIER: (Se retirando. Fora de si)

_"MALTA! CORJA DE COVARDES! SEI MUITO BEM É DA TORPEZA DE VOSSOS INTERESSES... A CORTE HÁ DE SE DAR CONTA DO AQUI SE PASSA. PRETENDEM USAR-ME COMO... BODE EXPIATÓRIO DE VOSSOS DESMANDOS? NÃO CONSEGUIRÃO... LIBERAIS DE FACHADA! CANALHAS!"

(*Avellar tenta acalmar Xavier que se retira. Werneck, após a saída de Xavier fala para o público:*)

WERNECK: (Implacável)

_"... A ORDEM FOI ROMPIDA EM NOSSA COMARCA, Srs.... SOMOS ARAUTOS DO PROGRESSO MAS NÃO NOS FURTAREMOS JAMAIS AO DOMÍNIO DA ORDEM... NO EXERCÍCIO DE MEU DEVER INSTITUÍDO. SOLICITAMOS JÁ AO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO, O ENVIO DE TROPAS IMPERIAIS PARA RESTABELECER DE UMA VEZ A SEGURANÇA PÚBLICA. O VALOROSO TENENTE CORONEL LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA JÁ MARCHA PARA CÁ COM SEUS SOLDADOS... OS MALVADOS QUILOMBOLAS QUE ESCAPARAM, SERÃO LOCALIZADOS E ATACADOS ATÉ A SUA COMPLETA EXTINÇÃO... VIVOS OU MORTOS!"

(Hino da Independência soa forte na rua. Autoridades se abraçam e saem das sacadas confraternizando-se. Populares vão. Luzes do prédio se apagam. No escuro da cena, ouve-se voz de popular.)

POPULAR III:

_"MATA PRETOS DE MERDA!"

AMK

Auto do Manoel Kongo

O Juízo Final

Cena 10

Encenação

Cena 10

O Juízo final

(Com o som do Hino da Independência ainda soando na rua, *Velho Caxambuzeiro* no alto da carroça iluminada, levanta a bengala. Hino é interrompido. Música angolana marca sua fala para o público. Cortejo e carroça reiniciam o caminho, agora rumo à cadeia pública.)

VELHO: (Emocionado)

— "... AS COISA QUE NÓS TA VENDO E OUVINDO ATÉ AQUI, É COISA QUE ME DOEU MUITO NESSES OITENTA E TANTOS ANOS DE VIDA... CÊS SABE ALI? (Apontando) AQUELES LADO ALI DE TRÁS? POIS É O 'MADRUGA', NÉ? EU SOU DALI... CRESCI ALI NAQUELES CANTO... VOU CONTAR PRA OCÊS UMA COISA QUE ANDO GUARDANDO... ESPERANDO A HORA PRA CONTAR... HISTÓRIA, GENTE... É COMO VENTO, NÉ? QUANDO SOPRA AQUI, VEIO TRAZENDO TUDO QUE TINHA LÁ NO PASSADO, ONDE SOPROU ANTES... TEM COISA; TEM VERDADE... QUE SÓ MESMO O VENTO PODE CONTAR

(Para um negro da platéia)

... OCÊ AÍ! SABE DE ONDE VEIO VOANO TUA HISTÓRIA? (Recriminando)... SABE NADA! TU É GALO NOVO, NÉ? (Para o público) POIS EU, MINHA GENTE... SEI DA MINHA. PROMETI, NÉ? AGORA VOU CONTAR. (Faz pausa. Acende um cachimbo. Se apóia na bengala.)... OS NOME QUE NUM TÃO NOS LIVRO... A GENTE PRECISA LÊ NO VENTO... ASSIM QUE É CUM MEU NOME: MANOEL DA SERRA DOS SANTOS... O POVO AQUI ME CHAMA MESMO É DE... MANÉ SERRA. SABE PORQUÊ?

(Ri contente com a curiosidade do público.)

... OS LIVRO TEM ESSES NOME AÍ DA OUTRA HISTÓRIA, NÉ? LIMA E SILVA, DUQUE DE CAXIAS... OS WERNECK, OS AVELÁ, MAS... MANÉ SERRA? AH, AH... AH! POIS OCÊS VAI É CAIR DURO AGORA!... NO MEIO DO VENTO DA MINHA HISTÓRIA, TEM UM CHEIRO ASSIM DE CAFÉ MADURO... TEM CHEIRO DE FUMAÇA DE LENHA E... UM CHEIRO DE PÓLVORA QUE CHEGA ARDER AS VENTA... AH, AH, AH!... (Pros músicos)... UÉ?! CADÊ OS TAMBOR? TÃO DE FORGA, JÁ? VOMBORA SÔ... BATE AÍ, HOMI!"

(Músicos tocam. *Velho* pila o cachimbo e segue:)

... OCÊS LEMBRA DA BALBINA? AQUELA PRA QUEM MANÉ KONGO PEDIU PRA GARRÁ NO MININO (imitando:) GARRA O MININO, BALBINA! GARRA O MININO!... CÊS SE ALEMBRA? POIS BEM... GARRADA NO MININO TAVA, GARRADA FICOU. QUANDO A TROPA DO JUIZ DE PAZ WERNECK PEGOU TODO MUNDO DURMINDO... OS TIRO COMENDO SOLTO NAS ÁRVORE, BALBINA INDA VIU SEU MARIDO MANÉ KONGO LEVANTAR, PRA LOGO CAIR CHUMBADO... BALBINA CORREU PRO MATO... O MININO GARRADO NOS PEITO DELA, FEITO MOCHILA... SUMIU DA VISTA DOS SOLDADO... FOI SUMINDO E SÓ AÍ FOI VENDO QUE TINHA UNS 30 PRETO CORRENDO JUNTO... PEDRO CABINDA, QUE NÓS NEM VIU AINDA NA HISTÓRIA, ERA O CHEFE DOS ABRIDÔ DE PICADA... ELE LÁ CUM O FACÃO, DIZENO: (Imitando)... NÓS VAI SUBINO, GENTE! VAI SUBINO QUE EU SEI ADONDE NÓS VAI SE ENCONTRÁ CUM O POVO DE JOÃO ANGOLA...

(No extremo da rua da praça, longe ainda do cortejo do público, a tropa volta do combate, com 15 escravos presos e feridos. Entre eles se verá *Manoel Kongo*, *Mariana Crioula* e *Adão Benguela*, os únicos conhecidos. *Velho* prossegue:)

... NOSSO POUSO FINAL ERA MESMO LÁ; NO TOPO DA SERRA, GENTE... MAIS DE 100 PRETO ALI, NAQUELA NOSSA ARUANDA! BALBINA ABRAÇOU JOÃO ANGOLA E OS DOIS CHOROU A FALTA DE MANÉ

KONGO... OS SAMANGO DO TAL DUQUE DE CAXIAS NUNCA CHEGARÃO POR LÁ... BALBINA SÓ CHOROU DE NOVO, QUANDO OS HOMENS DO QUILOMBO DERAM PRA CHAMAR O MININO DE MANÉ DA SERRA... ERA PORQUE ELE ERA CRIADO ALI NÉ NO ALTO DA SERRA DA ESTRELA SEM CONHECER CADA DE NENHUM SINHO

(Para de falar. Limpa os olhos)... BALBINA SÓ CHOROU, MAIS DUAS VEZ. QUANDO FICOU AVÓ E, QUANDO BISAVÓ, VIU O JOSÉ ALBINO SERRA, MEU PAI... DESCER DO MORRO PRA CÁ NA VILA. PRA SER FERREIRO CUMO EU QUE TÔ AQUI... PRONTO. AGORA OCÊS JÁ SABE... EU SOU AQUELE QUE... COMO SE DIZ, SOBROU PRA CONTAR A HISTÓRIA... NÉ? ÓIA O VENTO VINDO... SENTE SÔ, GENTE! ÓIA O VENTO!" (Abre os braços no ar)

(Cortejo se encontra com a tropa e os prisioneiros. Os presos, estão amarrados entre si, como os escravos do leilão. São 8 homens e 7 mulheres. Na tropa. Existem dois soldados feridos. *Velho para soldado:*)

VELHO:

_"PERAÍ! PERAÍ! Ô PRAÇA... TÃO INO PRA ONDE OS PRESOS? (Soldado aponta a cadeia)... TÃO NADA, HOME!... ELES TÃO É VOLTANDO PRO LEILÃO (Localiza *Mané Kongo* que anda alheio, pensativo)... ALÁ ELE! ALÁ MEU REI! ELE NUM SABE QUE BALBINA É O MININO ESCAPADO... COITADO... NUM SÁBI QUE EU QUE TÔ AQUI SÔ SEU BISNETO...NÓS NUM VAI PODER DAR ESSA FELICIDADE PRA ELE!"

(Olhares de *Manoel Kongo* e do *Velho* se cruzam. Prisioneiros são postos dentro da cadeia e, lá dentro aparecem nas janelas gradeadas. Autoridades e jurados-figurantes se espalham pela calçada junto ao prédio. No patamar de entrada está uma mesa para o juiz. *Manoel Francisco* com capangas e feitores, está em um dos cantos da cena. *Juiz* bate o martelo e fala. Carroça estaciona em Frente à cena.)

JUIZ: (Severo)

_"POR AQUI PASSARAM PESSOAS E FATOS QUE PUSERAM A PROVA A EFICIÊNCIA DE NOSSAS INSTITUIÇÕES. A MALDADE E O ÓDIO DAQUELES QUE NÃO SE CONFORMARAM COM LUGAR QUE LHEIS FOI RESERVADO PELA NATUREZA, ABATERAM-SE, VIOLENTAMENTE SOBRE TODOS NÓS... (Folheia papéis e simula leitura)... NÓS HOMENS DE BEM DA COMARCA, ESCOLHIDOS POR DEUS PARA DOMINAR O PROCESSO CIVILIZATÓRIO, DE NOSSA TERRA, FOMOS ATACADOS PELO INSTINTO ANIMAL E PELA SELVAGERIA DE NOSSOS PRÓPRIOS ESCRAVOS. O REDEMOINHO DESSA BRUTALIDADE, SACUDIU NOSSA SOCIEDADE... MERECÍAMOS ESTE CASTIGO? TAMBÉM ISTO ME PERGUNTEI DURANTE ESTE PROCESSO

... MERECÍAMOS NÓS, RETORNAR AO NEGRUME DOS TEMPOS ONDE OS ESCRAVOS ESCOLHIAM SEUS SENHORES? NO JUÍZO FINAL ESTAREMOS NÓS FADADOS A SERMOS ESCRAVOS DE NOSSOS ESCRAVOS? NÃO Srs. E Srs.... OS AUTOS DESTE PROCESSO PROVARAM QUE NÃO! A VIOLÊNCIA, COMO BEM O SABEMOS DEVE SER EXTIRPADA COM VIOLÊNCIA. É ESTA A BASE MORAL E NATURAL DE NOSSA LEI QUE NÃO PODE NUNCA SER NEGLIGENCIADA.

(Olha para *Manoel Francisco*)

... NÃO NOS FURTAREMOS PORTANTO NESTA HORA EXEMPLAR, A PUNIR AQUELES QUE ENTRE NÓS SE MOSTRARAM INDECISOS... FRACOS, DIANTE DA PERTINÊNCIA DA ORDEM IMPERIAL, ESTABELECIDADA COM A NOSSA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL. O SENTIDO EXEMPLAR DESTA SENTENÇA, É AQUELE QUE AFIRMA QUE, NÃO HÁ LIBERDADE POSSÍVEL, PARA QUEM É NATURALMENTE, ESCRAVO, SEM A PRIVAÇÃO DA LIBERDADE DE NÓS PRÓPRIOS, HOMENS DE BEM DESTA NAÇÃO. VAMOS A SENTENÇA!"

(Rufo de tarol. Escravos presos, são postos em fila segundo ordem de chamada nos autos. *Juiz* se levanta.)

JUIZ: (Com severidade)

_"JULGO OS RÉUS... (Escravos saem um a um, desamarrados. Ao final da sentença, um soldado aplica-lhes os gonzos) JUSTINO BENGUELA!.. ANTÔNIO MAGRO!... PEDRO DIAS!.. BELARMINO CABINDA!... MIGUEL CRIOULO!... CANUTO MOÇAMBIQUE E...AFONSO ANGOLA, A SEISCENTAS E CINQUENTA CHIBATADAS CADA UM, A SEREM DADAS CINQUENTA POR DIA, SEGUNDO A LEI. CONDENO-OS TAMBÉM, COMO PENA AO CRIME DE INSURREIÇÃO QUE COMETERAM, A ANDAREM COM GONZOS DE FERRO NO PESCOÇO POR TRÊS ANOS, PARA O QUE SE OBRIGARÁ SEU SENHOR, AQUI PRESENTE, POR UM TERMO ASSINADO, A CONSERVAR-LHES OS GONZOS SOB AS PENAS DA LEI."

(Prisioneiros recebem os gonzos e descem para junto do público. Burburinho de cochichos de populares com escravos. *Velho* confidencia:)

VELHO:

_ "O ZUNZUNZUM, GENTE... É IGUAL O DA MÚSICA, NÉ?... TÁ FALTANDO UM! TÁ FALTANDO UM!"

JUIZ: (Batendo o martelo)

_"... EXIJO SILÊNCIO NA CORTE! SILÊNCIO POR FAVOR (Aguarda um pouco e prossegue:) ... EM VISTA TAMBÉM DOS AUTOS E DA DECISÃO DO JÚRI... ABSOLVO O RÉU ADÃO BENGUELA... (Grande tumulto. Populares e escravos protestam. *Adão* sai cabisbaixo.)

CONDENADOS/POPULARES:

_"JUDAS! JUDAS ISCARIOTES! FOI ELE. FOI ELE O CACHORRO!"

_ TRAIADOR! SEM MÃE!"

JUIZ: (Enérgico)

_"SILÊNCIO! SILÊNCIO!... MANDO ESVAZIAR O RECINTO! ORDEM NA CORTE! (Tumulto na corte não cessa. Soldados escoltam *Adão* para junto de *Manoel Francisco* e capangas. *Juiz* prossegue e tumulto se reduz aos poucos.)... ABSOLVO TAMBÉM AS RÉS MARIANA CRIOULA, LOURENÇA CRIOULA, RITA CRIOULA, BRÍGIDA CRIOULA, JOANA MUFUMBE, JOSEFA ANGOLA E, EMÍLIA KONGA... QUE PAGUE TAMBÉM O SENIIR DESSAS ESCRAVAS, Sr. MANOEL FRANCISCO XAVIER AQUI PRESENTE, AS CUSTAS DO PROCESSO. QUE SE DÊ À ADÃO E AS MULHERES, BAIXA NA CULPA E SE PASSE MANDATO DE SOLTURA!"

(Mulheres saem. Uma a uma vão se juntando aos outros condenados. Populares e condenados, mais as mulheres escravas, hostilizam *Adão* com insultos. Música angolana soa forte, cobrindo as falas do tumulto. Grupo de escravos circunda a carroça. Todos os figurantes e atores, estão cm cena com exceção de *Manoel Kongo*, um padre, o carrasco e dois soldados que estão dentro da cadeia. Tarol rufa forte.)

JUIZ: (Bate o martelo. Silêncio total na cena.)

_"POR LIBELO CRIME ACUSATÓRIO, DIZ A JUSTIÇA PELO SEU ÓRGAO: CONTRA O RÉU MANOEL KONGO, ESCRAVO DO CAPITÃO-MOR MANOEL FRANCISCO XAVIER, POR ESTA FORMA DE DIREITO CITADO... PORQUE O RÉU MANOEL KONGO, ABUSANDO DA BONDADE DE SEU SENHOR, FUGIU DE CASA E SE PÔS NO

MATO EM ATITUDE DE DEFESA COM ARMA DE FOGO E RESISTÊNCIA, COMO TUDO CONSTA NOS AUTOS... PORQUE, PELO DITO VERIFICA-SE QUE, INDO A FORÇA ARMADA OS BATER, A FIM DE SEREM PUNIDOS COM AS PENAS DA LEI, O DITO ESCRAVO MANOEL KONGO DISPAROU UMA ESPINGARDA NO PEDESTRE CONSTANTINO DE OLIVEIRA QUE...ALI CAIU MORTO!...VISTA A DECISÃO DO MESMO JÚRI... JULGO O RÉU MANOEL KONGO INCURSO NOS ARTIGOS 192 E 113 DO CÓDIGO CRIMINAL E O CONDENO A PENA DE MORTE QUE SERÁ DADA... NA FORÇA... CONDENO IGUALMENTE O SEU SENHOR A EU PAGUE AS CUSTAS...

JUIZ:

"...O ESCRIVÃO DESTA SENTENÇA E PRESENTE EXECUÇÃO IRÁ À CADEIA DESTA VILA E ALI INTIME A ELE O RÉU MANOEL KONGO E PARA SE DISPOR PELOS ATOS RELIGIOSOS DA PENITÊNCIA E EUCARISTIA, AFIM DE MORRER NA FORMA DA SENTENÇA QUE O CONDENOU. LOGO QUE INTIMADO FOR, O FARÁ PASSAR PARA O ORATÓRIO, DE BAIXO DE DISFARÇADA GUARDA AÍ. SERÁ CONSERVADO E LHE ASSISTIRÁ O REVERENDO SACERDOTE, ATÉ A HORA DE SUBIR AO PATÍBULO, ONDE SERÁ EXECUTADA A SENTENÇA DE MORTE PARA SEMPRE. LAVRE-SE A CERTIDÃO E SE CUMPRA EM 6 DE SETEMBRO DE 1839. EU, IGNÁCIO PINHEIRO DE SOUZA WERNECK, JUIZ INTERINO."

(*Manoel Kongo*, o padre, o carrasco e soldados saem da cadeia. *Padre* espalha fumaça de incenso pelo caminho. *Juiz* prossegue, já com o cortejo se dirigindo à praça do patíbulo. Grupo com o condenado assume dianteira do cortejo. Música angolana segue ao fundo.)

AMK

Auto do Manoel Kongo

A Morte

Cena 11

Encenação

Cena 11

A morte

(Cortejo chegando à praça do patíbulo. *Padre* continua a incensar todo o caminho. *Manoel Kongo*, o padre, o carrasco e os soldados, sobem o patíbulo. Carroça com o *Velho*, circundada por figurantes e atores negros - condenados - estaciona em frente ao patíbulo. Grupos de capoeira, caninha verde, maculelê, calango e jongo, estão espalhados em pontos diversos em torno da praça, junto ao público. Grupo de quilombolas principais, inclusive *Balbina* e *Mariana*, carregam o *Velho* nos ombros até o patíbulo. Autoridades, estão juntas com seus capangas, em ponto destacado da cena. Todos os pontos de aglomeração do elenco, estão iluminados. *Manoel Kongo*, embaixo da forca, fala para o público. Música angolana marca sua fala:)

MANOEL KONGO:

_"QUANDO PAI IGNÁCIO REBÔLO ME FALOU, PELA PRIMEIRA VEZ EM LIBERDADE, SONHEI DE NOITE CUM FORÇA... SENTI UM GOSTO AMARGO NA BOCA E ACORDEI SUANDO FRIO, CUM O MEDO APERTANDO MINHA GUELA... DEPOIS, NA OUTRA NOITE, SONHEI CUM UMA COBRA VERDE, VOANDO CUM AS ASA BONITA QUE NEM UM GAVIÃO... BALBINA DAÍ ME DISSE:... MANÉ, MEU FIO... DEUS NUM DÁ ASA À COBRA... TEU SONHO PODE SER BOM OU MAU PRESENTIMENTO... PODE SER A TRILHA DA FUGA OU... QUEM SABE? A CORDA DA FORÇA... DAÍ PENSEI, PENSEI E DISSE PRA ELA: ...BALBINA, MIA FIA... TRILHA OU FORÇA, SE A BICHA TAVA VOANO ORA... O SONHO SÓ PODE SER CUM A LIBERDADE, NÉ?... (para a platéia:) AGORA AQUI, VENDO OCÊS TUDO AÍ REUNIDO, MISTURADO, ESPERANDO EU CONTÁ HISTÓRIA QUE EU MAL ACABEI DE VIVER, ME DIZ! QUE ESCRAVIDÃO? QUE CORDA QUE VAI CONSEGUIR ME PRENDER?"

(*Carrasco* coloca a forca em *Manoel Kongo*. Taróis rufam na cena silenciosa, padre reza pelo condenado. Alçapão é aberto e *Manoel Kongo* cai. Grupo de quilombolas com *João Angola* e o *Velho*, sobe ao patíbulo e retira *Manoel Kongo* do alçapão. *Manoel Kongo* retira a forca do pescoço e lança a corda para o público. *Quilombolas* e *Velho* do palanque gritam:)

QUILOMBOLAS:

_"EMBANDA! EMBANDA! MANÉ KONGO É REI!"

(Todo o elenco inclusive brancos e grupos de dança repetem:)

_"EMBANDA! EMBANDA! MANÉ KONGO É REI!"

(Música explode na praça. Todos os grupos dançam junto com elenco total. Público é estimulado a dançar também. Fogos de artifício explodem na cidade. Sinos da igreja repicam.)

FIM

SPÍRITO SANTO

Rio de Janeiro, Praça Seca Maio 1996.